

DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

DISCÍPULOS
DO
MAL



L P BACAN



DISCÍPULOS DO MAL

L P Baçan



Edição Eletrônica: L P Baçan

All rights reserved

Copyright © 2017 do Autor

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Venda Proibida.

2017

livro nove

DISCÍPULOS DO MAL

CAPÍTULO 1

Ao longe, recortadas contra o céu frio do final de outono, as ruínas romanas eram atravessadas pelo vento, que arrancava uma sinistra melodia dos velhos nichos, onde se dependuravam morcegos negros.

Ao pé da colina, na zona de acampamentos, um trailer era o único elemento moderno a quebrar a harmonia antiga da região. Um rapaz deixou o veículo e espreguiçou-se, encolhendo-se a seguir, reclamando do frio.

— Sammy, eu faço o fogo e você vai buscar água — gritou ele.

Uma voz preguiçosa ronronou lá dentro, antes que um vulto louro e gracioso chegasse à porta e enlaçasse o rapaz pela cintura, mordendo-lhe o lóbulo da orelha.

— Por que não usamos o nosso a gás? — indagou ela, esfregando-se nele.

— Porque nosso gás acabou. Vamos, não seja preguiçosa. Eu vou apanhar lenha e fazer um belo fogo. Você trate de ir o rio e apanhar água. Lembre-se depois de encher nosso reservatório.

— Diabos, Bull! Você tinha de ser tão esquecido? Só falta deixar de reabastecer o trailer agora — disse ela, indo até o fundo do veículo.

Bull a seguiu logo depois, vestindo uma blusa. Caminhou até o fim do acampamento, olhando a cerca de tábuas pontiagudas. Algumas delas seriam o bastante para um bom fogo, mas ele preferiu ultrapassá-la até o bosque ressequido além.

Suas pisadas sobre as folhas secas produziam um ruído inquietante. Uma coruja piou agourenta num galho desfolhado. Um outro ruído se juntou ao dos passos do rapaz, que parou.

Apenas o vento assobiava e arrancava notas macabras dos galhos secos, que oscilavam fantasmagoricamente. Por um instante ele julgou que Sammy o houvesse seguido.

Começou a reunir galhos secos e folhas para a fogueira. Um pressentimento estranho o agitou. Era como se alguém o observasse, oculto por entre os troncos esqueléticos.

Com certa inquietação, continuou seu trabalho, enquanto pairando acima das ruínas romanas, o disco prateado da lua jogava uma claridade agradável por sobre o bosque.

Não longe dele, oculto como uma fera enraivecida à espera da vítima, um ser hediondo e retorcido lastimava a sua natureza e se deixava contagiar pela maldade e pela inveja.

Torg vira Sammy e a desejara ardentemente, como desejaria toda e qualquer bela mulher que cruzasse seu caminho. A face horrenda, o corcunda deformado, a selvagem e assustadora aparência, tudo isso barrava as suas pretensões.

Mulher alguma o olhava com desejo ou atração. Mulher alguma o olharia como olharia a face e o físico elegante e másculo daquele rapaz.

Nenhuma delas se atreveria a fazer amor com um aleijado e isso o fazia odiá-las, apesar de desejá-las ardentemente.

Da mesma forma, olhando aquele belo rapaz, Torg reconhecia que a inveja que ele despertava tornava tudo mais fácil. Drácula ordenara que o rapaz fosse destruído. A presa final, a bela e tentadora garota, satisfaria sua sede infundável.

Torg o invejava também, mas apenas servindo-o poderia obter o que mais desejava: um novo corpo.

Bull terminara de recolher lenha e folhas. Ergueu-se. Torg deslizou para mais perto, sem se importar com o barulho provocado por seus passos desiguais.

— Sammy? — indagou Bull, um leve acento de medo no tom de voz.

Torg nada respondeu, sentindo uma enorme satisfação em saber que era temido. Se o rapaz pudesse imaginar o destino que o corcunda lhe reservara, teria se afastado dali o mais depressa possível.

— Sammy! — insistiu o jovem.

Torg arrastou-se para mais perto ainda. Suas mãos se crispavam, ansiosas para golpearem impiedosamente aquele rosto belo até transformá-lo numa pasta sanguinolenta e disforme.

— Sammy! — voltou a dizer Bull, dessa vez pondo-se na defensiva.

As achas de lenha escorregaram de seus braços. Em sua mão ficou apenas a mais grossa e pesada. O som dos passos desiguais que se arrastavam em sua direção puseram-no em alerta.

Fosse o que fosse, iria encontrá-lo preparado. Seus olhos se aguçavam, tentando ver nos reflexos prateados que se esparramavam pelo bosque um vulto humano.

Ao invés disso, um ser disforme surgiu a sua frente, mãos erguidas e crispadas, olhar faiscante e ameaçador.

— Quem é você? — indagou, antes que Torg se lançasse sobre ele.

Bull, no entanto, reagiu instintivamente, vibrando a acha de lenha com todas as suas forças. Ao ruído surdo e desagradável se seguiu uma imprecisão, enquanto o corcunda rolava sobre as folhas secas.

Ergueu-se imediatamente. Bull recuou. Aquela pancada teria matado um ser humano normal. Aquela vulto grotesco continuou avançando, agora rosnando como uma fera raivosa.

— Afaste-se de mim! — ordenou o rapaz, enquanto Torg ia na sua direção. — Afaste-se, eu disse — repetiu, voltando a golpear o corpo do corcunda.

— Maldito! — grunhiu Torg, segurando-lhe o pulso e torcendo-o.

A Lua cheia iluminou o rosto crispado pela dor. Torg forçou mais e mais, até que um ruído seco se ouviu e um grito de dor desesperado cortou o silêncio do bosque, assustando as corujas e fazendo esvoaçar um bando de morcegos.

— Você... Você quebrou meu braço — lamentou Bull, rastejando sobre as folhas secas, tentando fugir à agressão animalesca.

Torg apanhou um galho e vibrou-o contra as costas do rapaz, fazendo-o estatelar-se com um gemido. Golpeou-o novamente, fazendo seus olhos se esgazearem e uma golfada de sangue ser expelida de sua boca entreaberta.

Com um riso sádico nos lábios disformes, Torg se aproximou e chutou-o, fazendo-o se voltar para cima. Por instantes o corcunda olhou aquele rosto mudo de espanto e dor, depois ergueu um dos pés e pisou-o violentamente.

— Deus! — gemeu Bull, tentando se erguer, mas era como se seu corpo não mais obedecesse ao seu comando.

Ele ficou ali, contorcendo-se no chão, enquanto Torg fitava com indizível satisfação o sangue que jorrava da boca e do nariz do rapaz.

Com crueldade, Torg pisou sobre a garganta do outro, depois chutou repetidas vezes a cabeça de Bull, arrancando gemidos cada vez mais fracos.

Não satisfeito, apanhou uma enorme pedra e ergueu-se. Por instantes pareceu ver, nos olhos ensangüentados do rapaz, uma súplica final.

Com todas as suas forças ele arremessou a rocha, esmigalhando aquela cabeça, jogando miolos, sobre as folhas secas. Rosnando animalescamente

debruçou-se sobre o cadáver, rasgando a blusa e a camisa, desnudando-lhe o peito.

Como garras suas mãos se crisparam e seus dedos se enterraram na pele, arrancando pedaços de carnes e ossos, até finalmente, trazerem o coração ainda palpitante.

Olhou-o contra a lua, depois, levou-o à boca e mascarou-o vorazmente, enquanto o corpo a seus pés estrebuchava macabramente.

Um grito feminino cortou a noite, mas não incomodou o corcunda. Ele sabia o que estava acontecendo.

A noite caíra mansamente. Enquanto havia um resto de luz, delineando contra o céu a figura tortuosa do monte, um ar de falsa paz podia ser sentido pelas encostas silenciosas.

Depois, quando gradativamente a escuridão jogava seu manto sobre aquele lugar desolado, uma sensação de terrível opressão e maldade faria gelar a medula de algum mortal que se aventurasse por aqueles ermos.

O monte era maldito. Os segredos de suas cavernas e escuras e misteriosas, onde a treva era total, ocultavam-se nas cinzas que a terra absorvera.

Cinzas muito antigas, de filhos de Satã que arderam nas fogueiras da purificação e que jamais aplacaram a sede de vingança de suas almas torturadas.

Seus lamentos de morte, suas maldições, ainda pareciam ecoar na voz lúgubre do vento frio. O crepitar das chamas que devoraram seus corpos podia ser ouvido, quando o vento silenciava.

Um odor constante de carnes putrefatas e queimadas, mesclado ao cheiro forte e nauseante do enxofre, sobrepujava o da terra lavada pelas últimas chuvas.

Animais o evitavam. Roma toda aprendera a temê-lo. Era algo instintivo, enraizado, transmitido de geração em geração desde há muitos séculos.

Raros pastores, que ainda teimavam em levar suas ovelhas segundo a tradição, evitavam aquele local maldito. Ali a erva não crescia e as árvores viviam desfolhadas e secas, numa vigília macabra.

Turistas eram alertados para os perigos ocultos naquelas encostas escarpadas. Um perigo que iam além da imaginação e da razão.

Naquela noite, quando na Cidade Eterna as pessoas se preparavam para o início do fim de semana e as prostitutas vestiam suas melhores roupas e se maquiavam cuidadosamente, o monte espreitava, como se aguardando.

Era sexta-feira, dia maldito, quando as forças do mal atingem sua plenitude e se voltam contra a humanidade, semeando pavor.

Era a noite do demônio, que se regozijava com a presença de seu filho predileto nas proximidades de seus domínios.

O vento parecia gritar um alerta que voava pelo céu e ia se perder na agitação da grande cidade.

O medo, porém, se refletia na boca pintada da prostituta, nos trejeitos do travesti, no ar sério e sombrio dos exploradores de mulheres, na aparência arredia e assustadiça dos ladrões e malfeitores que se ocultavam nos becos mais nojentos.

O vento que soprava contra o monte contagiava a cidade com a peste de sua maldição. Suas entranhas frias e silenciosas guardavam o segredo como um feto mal-gerado, apenas esperando o momento de ver a luz através da fétida cloaca do sobrenatural.

Por isso, quando em algum canto ermo, um grito de pavor se elevou, o monte todo parecia se eriçar, gargalhando uma satisfação que mortal algum entenderia.

A garota descabelada seminua, deixada para trás trapos de roupas, escorregou pela ravina escura, esfolando-se nas pedras, jogando no ar o cheiro adocicado do sangue morno que cobria sua pele macia.

Sabia que precisava correr, fugir dali, escapar àquela perseguição macabra, afastar-se daquele terror instintivo que gelava-lhe a espinha e confundia seus pensamentos.

Ela soluçava, os pés descalços cortando-se nas pedras, deixando uma trilha de sangue para a fera que a perseguia. A sombra sinistra pairava, avançando mais e mais, gozando o pavor daquele corpo, assanhando-se nos soluços assustados, espicaçado-se nas súplicas perdidas no vento.

Sammy tropeçou mais uma vez e caiu. Girou rapidamente o corpo, tentando se levantar. O vento pareceu soprar mais frio e arrepios angustiantes percorreram sua pele, ao perceber aquele vulto parado a seus pés.

— Não! O que quer de mim? — indagou, a voz embargada pelo pavor.

A mão descarnada do vampiro estendeu-se. Sentia-se fraco e ferido. Precisava de alimento, de vida, de novas forças. Já não havia encanto naquela perseguição. Sua sede era urgente, apressada, esganada.

Segurou o pescoço da garota e a ergueu facilmente diante de si. Sammy fitou com horror aqueles olhos injetados e faiscantes, como se o fogo do inferno ardesse neles.

Aquelas feições crispadas e cruéis, aquelas mãos assassinas aquele cheiro de cadáver em decomposição, tudo a levou ao paroxismo do terror.

Ela se debateu, tentando usar seus braços, suas mãos, suas unhas, seus pés em carne viva, mas suas pancadas contra aquele ser nada produziam, senão uma força maior que lhe apertava a garganta, sufocando-a.

— Deus! — murmurou, sentindo-se desfalecer.

Uma gargalhada sarcástica e cavernosa seguiu-se ao seu lamento e, como se ela fosse um boneco, Drácula puxou-a para si com violência, colando-a ao corpo esquelético e enfraquecido.

Fora uma longa viagem. Drácula estava ferido e precisava de sangue fresco. Pena que não fosse uma virgem. Seu prazer e sua vitalidade seriam dobrados.

Ainda assim, era uma bela garota. Seios rijos, cintura torneada, coxas firmes e elásticas, pescoço delicado e apetitoso...

Seu olhar injetado e chamejante se concentrou naquela veia latejante, por onde o sangue corria, transbordando vida e juventude.

Um rosnado escapou de seus lábios finos e frios. Sua boca gosmenta esfregou-se à pele macia. Sua língua áspera como a de um animal lambeu um resto de perfume. Suas presas pontiagudas e sinistras rebrilharam à luz do luar.

Tremores espasmódicos abalaram seu corpo. O cheiro do sangue era insuportável. Seus instintos vibravam intensamente, sua fome aumentou, seu desejo pediu vazão.

Apertou-a contra si, sentindo o estalar das frágeis costelas e colou sua boca no pescoço delicado, rasgando-o com suas presas e sorvendo esganadamente o sangue que jorrava.

CAPÍTULO 2

Ambrósio Scallone recuou um passo, depois outro, caindo finalmente de encontro à sacaria de macarrão, após tropeçar numa botija de vinho.

Limpou o sangue que lhe lambuzava o rosto e ergueu os olhos assustados para a expressão de seu patrão.

O cheiro do vinho nauseou-o. Vitório Caprilho fitou o prejuízo, depois arremessou com todas as forças o pé, atingindo o peito do rapaz e fazendo-o cair para trás. Avançou, o enorme pé quase pisando a garganta de Ambrósio, que se encolheu assustado.

Vitório sorriu e, no entanto, seu desejo era pisotear o corpo do empregado, dando àquele pobre imbecil uma lição de que jamais se esquecesse.

Inclinou-se, porém, e suas mãos grossas e enormes quase rasgaram o bolso da camisa do rapaz ao retirar dali algumas notas. Olhou-as com um sorriso sádico, depois as agitou, batendo-as contra o rosto ensangüentado do rapaz.

— É meu... Juro como é meu! — exclamou o rapaz.

— Quê! Um pobretão como você? Não tem onde cair morto! Vive da minha caridade! O que faria sem o maldito emprego que lhe dou? O que? Eu sei de onde isso veio, seu pedaço de asno ingrato! Estas notas vieram dali. Dali, ouviu bem? Dali! — repetiu, apontando para a antiga máquina registradora.

Um vulto gracioso avançou pelo mercado escuro e estacou ao observar com horror aquela cena. Seu rosto meigo se crispou numa expressão de surpresa e indignação.

— Papai o que pensa que...

— Cale a boca, Sofia! O que quer aqui? Não a chamei. Veio me espionar?

A garota olhou, apiedada, o rosto assustado e envergonhado de Ambrósio, que tentava limpar o sangue que teimava em escorrer de seu nariz. A patada fora violenta, cruel.

Sofia ergueu, então, os olhos para as faces coradas e gordas de seu pai, observando por instantes o brilho de maldade e embriagues que o tornava tão infame e desprezível.

O rosto do homem crispou-se ameaçadoramente e Sofia girou nos calcanhares, rumando para a saída. Não era difícil reconhecer quando seu pai estava bêbado. Temeu por Ambrósio, mas nada podia fazer senão lamentar.

Saiu para a rua e parou junto ao meio-fio, erguendo o rosto para o céu. Quando suas preces seriam ouvidas? Quando Deus a atenderia?

Lá dentro ouviu-se um som desagradável, seguido de um gemido de dor. Depois outro e, em seguida. Ambrósio saiu pela porta, desequilibrando, indo esbarrar em Sofia e estatelar-se na sarjeta.

Ergueu-se rapidamente, limpando o rosto do sangue e da água suja que escorria constantemente pelas pedras. Seu olhar humilhado pedia compaixão.

No rosto da garota havia pena, desespero, ódio e amor. A sombra gigantesca de Vitório Caprilho se projetou para a calçada, fazendo-a se voltar num sobressalto.

— Para casa! — ordenou raivosamente o comerciante.

Sofia apressou-se em obedecer. Atrás dela, Ambrósio se ergueu, cabisbaixo e humilhado ao extremo. As pessoas que passavam pareciam rir dele, mais por medo de Vitório do que por julgar hilariante aquele rosto sujo.

Todos conheciam Vitório, sabiam de seu gênio violento. Ninguém ousaria intervir. Ambrósio era um pobre coitado.

Por instantes ele fitou o rosto do patrão, ousando encará-lo. Qualquer coisa ameaçava explodir em seu peito.

— E esteja aqui amanhã bem cedo, seu imprestável! Vai me pagar por tentar roubar meu dinheiro. E dê-se por satisfeito por não mandar prende-

lo, ouviu bem? Você apodreceria numa jaula, seu vagabundo, amaldiçoado filho de uma...

Ambrósio afastou-se o mais depressa que pode. O sangue lhe fervia nas veias e o ódio latejava em sua cabeça, sugerindo pensamentos téticos e violentos.

Era explorado, maltratado e humilhado diariamente. Não podia mudar de emprego. Jamais acharia outro. Depois ali, apesar de tudo, havia uma compensação nas visitas de Sofia.

Naquela noite, porém nem esse pensamento parecia acalmá-lo. Era como se a última gota houvesse transbordado e o desejo de mudar aquela situação drasticamente imperasse sobre sua vontade.

Lutou contra essa tentação, como sempre tinha lutado. Queria resistir, mas dia após dia, lentamente, sua resistência vinha sendo vencida.

P poder latente em seu corpo se resumia naquela marca em seu pulso. Era o símbolo do mal. Ambrósio, porém, sempre se recusara a entregar-se ao mal. Não podia pensar nisso, não quando tinha o amor da doce e terna Sofia.

Cabisbaixo e pensativo, nem percebeu o vulto de mulher que deixou o beco e se postou a seu lado, caminhando junto.

— Eu o odeio! — murmurou Sofia, entredentes, com decisão e rancor.

Ambrósio parou, aquele conflito íntimo empurrando-o para a pior das soluções.

— É seu pai...

— Um monstro!

— Você deve amá-lo...

— Eu o odeio! Gostaria de destruí-lo, de esmagá-lo como se esmaga um verme desprezível — desabafou ela e lágrimas correram por suas faces angelicais.

Ambrósio poderia resistir a qualquer coisa, mas não àquelas lágrimas.

Segurou pelos ombros a mulher que amava e olhou-a no fundo dos olhos.

— E o que quer? — indagou ele.

— Sim, é o que quero. De que outra forma poderíamos, um dia, ficar juntos? Oh, Ambrósio! Eu adoro você, mas ele nunca vai aprovar nosso namoro. Não compreende? Jamais ele permitira — soluçou ela, lançando-se nos braços dele.

O rapaz a estreitou com força, rodeando seu corpo com carinho e apreensão.

A manga do casaco deslizou. À altura do pulso havia um sinal negro. Ele olhou aquela marca maldita e estremeceu.

A velha mulher se ergueu num sobressalto, as narinas dilatadas, os olhos opacos adquirindo um brilho intenso de ódio, como o da besta que corre em socorro da cria ameaçada.

Deixou o casebre atabalhoadamente e seus olhos se fixaram no monte ao longe. Torceu nervosamente as mãos descarnadas, pressionando as unhas pontiagudas contra a pele, como se desejasse ferir-se.

Uma sensação angustiante lhe oprimiu o peito e ela compartilhou um ódio que partia do filho e vinha vibrar em seu próprio corpo.

Recuou, então, apoiando o corpo alquebrado contra a parede. Suspirou resignadamente.

Depois, como se uma convulsão interior desse força a seus atos, repuxou com violência a manga da blusa ensebada e descobriu o sinal maligno no pulso.

Muita coisa acontecera, muito tempo fora perdido, desperdiçado para nada. O sinal perdera a força. Não era mais do que uma pequena mancha arroxeadada agora, misturada às outras que a velhice jogara em sua pele, como um estigma.

Um pressentimento a fez erguer a cabeça e observar atentamente o vulto que caminhava ao seu encontro.

Ambrósio estendeu os braços e tomou o corpo esquelético da velha, procurando não deixar que ela percebesse a máscara de sofrimento e sangue que ainda marcava seu rosto.

— Mãe, não devia estar aqui fora — disse carinhosamente, enquanto a levava para o interior da casa miserável.

Com uma força surpreendente, no entanto ela se desvencilhou dele e encarou-o. Seus olhos opacos ganharam um brilho de náusea e sofrimento ao fixar o rosto sujo do filho.

Depois, gradativamente, seu olhar se alterou brilhante e intenso, perturbando. Seus lábios trêmulos fecharam-se com firmeza numa expressão de altivez e desafio.

— Outra vez, não? — indagou ela e havia repreensão em seu tom de voz.

Ambrósio abaixou a cabeça, incomodado pela força daquele olhar.

— O que foi dessa vez? — quis saber sua mãe.

— Aquele dinheiro... Seu remédio... Ele jamais acreditaria que...

— O maldito tomou-lhe o meu dinheiro?

— Sim, mas...

— Aquele filho bastardo de uma cadela vagabundo! — grunhiu a velha, como o mais puro ódio. — Não é pelo dinheiro, filho, mas pela prepotência daquele monstro. Posso me curar com minhas ervas, com meu elixir... Mas... Ambrósio, filho, meu! — soluçou ela e sua voz soou gutural e amedrontada, enquanto sua mão descarnada se estendia e agarrava o pulso direito do rapaz, descobrindo-o e apontando o sinal negro.

— Veja isso, Ambrósio. Você não precisa se humilhar e se sacrificar dessa forma. Seus desejos serão lei. Isso lhe dará tudo. Basta que aceite, filho. Basta que aceite — sussurrou a velha, então, a sua voz ganhou um

novo acento, suave e convincente como o sopro do vento, nas noites calmas, atravessando os espinheiros do monte Equillin.

Ele a encarou, tentando fazer prevalecer dentro de si o amor de Sofia, acima do ódio que sentia pelo pai dela. Abaixou a cabeça e passou pela mãe, fugindo àquele convite quase irresistível.

Ela o fitou com seus olhos perturbadores e, por instantes pareceu que ele fraquejava finalmente. Um riso esboçou-se em seus lábios descorados. Dentes apodrecidos se destacaram em sua boca escancarada.

Entrou. Caminhou até uma velha arca a um canto da pequena sala e abriu-a lentamente. Dali retirou uma espécie de baú antigo, construído de metal enegrecido pelo tempo e ostentando grossas tachas de ferro nas emendas.

Olhando pacientemente o filho, a velha esperou que o filho se voltasse. Vinha repetindo aquele ritual dia após dia. Um dia ele se voltaria. Um dia ele haveria de ceder às evidências.

O dia, finalmente parecia haver chegado. Para sua satisfação.

— Venha filho! Deixe-me mostrar-lhe — sussurrou ela.

Ambrósio venceu aquela agonia interior que o martirizava e se aproximou. Viu a mãe retirar um grosso e antigo volume do interior do baú.

— Está é a bíblia de Satã — disse ela e seus olhos se injetaram malignamente. — Pergaminhos de pele humana — acrescentou, alisando lubricamente, como num ritual satânico, a capa enrugada.

Ambrósio estremeceu de um pavor instintivo, mas se viu fascinado pelo curioso volume. A velha retirou, em seguida um outro objeto do baú.

Era um antigo punhal, longo e recurvo como os chifres de um bode velho. Depositou-o sobre o livro. Encarou o filho.

— Sabasius! — disse, então.

— Sabasius? — repetiu Ambrósio, sem entender.

— Você é um sabasius. Talvez o último deles. Essa marca em seu braço é a marca do diabo. Você é um predestinado. Demorou para acordar. Seu estigma é sua salvação. A vida eterna e tudo aquilo que sempre desejou poderão se tornar real. Basta que aceite, que deseje, que peça.

— A marca do diabo! — murmurou ele, aterrorizado, olhando o sinal em seu braço.

A velha empunhou o punhal e tomou o pulso do filho. Depositou a lamina afiada sobre o sinal negro e fez correr o fio. Ambrósio se retraiu esperando ver suas carnes se abrirem e o sangue jorrar.

Incompreensivelmente, porém, não sentiu dor e o local continuou intacto. Ele apanhou a arma e examinou-lhe o fio. Repetiu o gesto da mãe, maravilhado.

— Mas...

— Acredita em mim, afinal? Satã é seu pai e seu destino é governar os mortais desprezíveis. Homens como Vitório Caprilho se arrastarão a seus pés. Basta que vá ao encontro daquele que o espera, filho.

— Quem? — indagou ele, com voz trêmula ainda.

— Satã, seu pai!

— Onde?

Um frêmito incontido e assustador fazia vibrar o corpo e marejar seus olhos. Arrepios intensos e estranhos enrijeciam sua pele. Seus dedos se agitaram independentes de sua vontade, comandados por um poder acima de sua compreensão.

— Lá — apontou a velha, na direção do monte Equillin. — Suas legiões o esperam, filho. O rei das Trevas vai guiá-lo. O mal será sua redenção.

Ambrósio levantou os olhos para o monte distante e pareceu sentir a força de um apelo irreversível.

— Deve ser feito hoje — disse a mãe, segurando-o pelos ombros e fixando nele seus olhos injetados e febris.

Ambrósio percebeu, então, que se metera num caminho sem volta.

A lua enorme, amarelada e lenta, firmava-se no céu, jogando sua claridade sobre a terra. Torg rosnou, mascando esganadamente o último pedaço sangrento.

Uma baba gosmenta escorria de seus lábios, pendendo de seu queixo, acumulando-se em seu peito. Ao lado, Drácula o fitava com desprezo.

A seus pés, o cadáver nu e mutilado de uma bela jovem que lhe dera seu sangue. Não fora o bastante, porém. O apetite maldito não fora saciado. O cheiro provocante de sangue fresco ainda espicaçava os instintos do vampiro.

— Precisamos ir, Torg. Eu ainda tenho sede! — disse.

— Sim, mestre. Claro mestre — balbuciou o corcunda, engolindo apressadamente, depois esfregando as mãos nodosas pelos lábios e pelo queixo.

— Não tenho tido a paz que procuro. Estou cansado dessa fuga. Ninguém nos persegue agora, Torg. Aquele maldito professor teve o fim que merecia. Estamos livres. O filho de Satã deve encontrar as honras e o repouso que merece. Que minhas legiões trabalhem por mim agora — murmurou o monstro e sua voz cavernosa intimidava o próprio vento.

— O que ordena, mestre.

— Quero mais sangue nesta noite maravilhosa, meu fiel Torg. Leve-me onde há sangue fresco. Depois conduza-me ao monte Equillin. Em suas cavernas estarei próximo de Satã e poderei organizar minhas legiões.

— Sim, mestre — concordou Torg, ciente de que Drácula ainda estava fraco, após a viagem. Precisava alimentar-se, devolver-lhe as forças totais,

saciá-lo completamente. Assim o veria manso e acessível para o pedido secreto que teria de repetir.

Estava cansado daquela carcaça podre e deformada. Queria um novo corpo, belo e atraente, capaz de encontrar e seduzir as mulheres.

Seguiu-o servilmente até o furgão. Antes de entrar, Drácula ergueu o rosto para a lua cheia e respirou fundo, um riso macabro retorcendo seus lábios finos e ainda úmidos de sangue fresco.

Entrou, finalmente estendendo-se no negro ataúde que estava preso no centro do furgão. Torg olhou-o respeitosamente, depois fechou a porta.

CAPÍTULO 3

O furgão negro diminuiu a marcha. Torg acompanhou com o olhar a cena à beira da estrada. Duas garotas se empenhavam em trocar o pneu de um Fiat antigo.

Um riso sinistro e asqueroso desenhou-se nos lábios do corcunda e ele manobrou seu veículo para o acostamento, parando-o. Por instantes pensou naquelas duas mulheres, sozinhas, disponíveis. Haveria muito sangue para Drácula. Talvez até demais. Quem sabe uma das garotas poderia.

Saltou da boleia e foi abrir a cabine do furgão. O ataúde negro, com metais reluzentes, faiscou ao clarão da lua generosa. A pesada tampa ergueu-se macabramente. A mão descarnada do vampiro se apoiou à beira e seu tronco esquelético se levantou.

— Onde estamos? — indagou, sentando em seu ataúde.

— Na estrada de Roma, mestre.

— E por que paremos?

Torg recuou e apontou para trás. Drácula se levantou e olhou naquela direção. Um riso sádico e satisfeito desenhou-se em seus lábios finos. Havia um cheiro de fumaça no ar e o ruído dos carros, em sua corrida incessante, era perturbador.

Drácula deixou o furgão e caminhou na direção do outro carro, olhando fixamente os vultos graciosos e tentadores. Seus olhos injetaram-se e a sede amaldiçoada assanou-lhe o corpo.

Seus passos não foram ouvidos. O vulto grotesco se aproximou, gozando um aroma que se sobrepunha ao cheiro da fumaça dos carros na estrada e brincava selvagememente com seus instintos.

A capa esvoaçava. Espasmos estremeceram seu corpo.

— Diabos, se... — ia dizendo uma das jovens, mas interrompeu-se ao perceber a aproximação de alguém.

— Posso ajudá-las em algo? — indagou e sua voz metálica ganhou um tom amigável e cavalheiresco. — Meu nome é Vlad Lucard.

— Bem, eu não sei se... — ia dizendo a loura graciosa, de cabelos curtos e corpo roliço.

— Claro que sim! — interrompeu a amiga, uma apetitosa morena de seios fartos delineados contra a blusa justa. — Se tiver um macaco hidráulico melhor que o nosso...

— Posso fazer melhor que isso. Por que não deixam que meu motorista cuide disso tudo? — indagou e sua voz se tornou hipnótica, persuasiva.

As garotas tentaram sorrir, cativadas pela classe e pela generosidade do cavalheiro com que falavam. Apesar de não lhe verem o rosto, adivinhavam-no belo e atraente.

Estavam de férias, dispostas a se divertirem acima de tudo. Não havia roteiros ou previsões. Era simplesmente deixar que acontecesse.

— Se me acompanharem até meu veículo, darei ao meu motorista. Tenho um pouco de conhaque. Poderão se aquecer dessa fria noite — sugeriu e não havia como recusar.

— Temos o suficiente para um lanche agradável — disse a morena. — Aceitaria?

— Claro. Estou faminto! — disse le, sentindo-se brutalmente excitado pela docilidade com que elas se entregavam a ele, subjugadas pelo seu poder.

— Acho-o um pouco esquisito — comentou a loura, em voz baixa, enquanto apanhava qualquer coisa no carro.

— Parece-me um ricaço — cortou-a morena mais extrovertida e disposta a uma aventura sem maiores conseqüências.

No momento seguinte, caminhavam na companhia de Drácula. Quando se aproximavam do furgão, Torg se adiantou.

— Torg, cuide do carro das senhoritas — ordenou o morcego-humano.

A loura pareceu, então, demonstrar certa preocupação. Talvez a figura de Torg a houvesse impressionado, talvez algo no cavalheiro que as acompanhava sugerisse um perigo mortal.

Pararam diante da porta. O luar batia sobre os metais do ataúde, dando-lhe um brilho fantasmagórico.

— Mas... É um ataúde! — exclamou a loura recuando alguns passos.

A morena ficou estática, sem compreender o que se passava. Drácula alcançou a outra, segurou-a pelo pescoço e impulsionou-a para dentro do furgão. A loura foi jogada contra a parede oposta, estatelando-se com um gemido.

— Quem é você? — indagou a morena, estática, incapaz de desviar seus olhos daquele rosto fatídico, banhado pelo luar. A jovem subiu para o furgão. Drácula entrou em seguida. A porta se fechou pesadamente.

Ambrósio estava fascinado pela facilidade e decisão com que sua mãe o guiava por entre os caminhos tortuosos do monte Equillin.

Jamais estivera ali antes. Conhecia as lendas a respeito daquele local amaldiçoado, mas tudo estava acontecendo rápido demais para que pudesse temê-las.

Via apenas as pedras cobertas pelo luar, pontiagudas e agressivas, como se houvesse ali uma intenção perversa em afastar os visitantes. Ambrósio apertava firme, sob um dos braços, a bíblia estranha e assustadora. Preso a sua cintura, em contato com o corpo, ia o punhal misterioso.

O metal parecia não se aquecer, mantendo-se frio, apesar do calor que dominou o rapaz. Seus pensamentos se voltaram para Sofia e os acontecimentos daquela noite.

Era um amor impossível, nascido do desespero, da humilhação, da vergonha. Ele a queria muito, mas a figura autoritária e repugnante de Vitório pairava entre os dois.

Havia sido um longo tempo de espera. Por mais assustadora que lhe parecesse aquela decisão, estava certo de que jamais voltaria atrás.

Se havia uma chance, por menor que fosse, de ter Sofia, então valeria a pena.

— Estamos próximos! — disse a velha e não havia cansaço em sua voz, mas apenas uma excitação estranha, febril, maligna.

Aproximou-se de uma enorme rocha, de formato irregular como uma espécie de pentagrama natural. Espinheiros se juntavam diante dela. A velha abriu caminho por entre eles, avançando para uma estrada escura e assustadora.

— Venha! — ordenou ao filho.

Ambrósio hesitou por instantes. Seu coração bateu mais forte. Qualquer coisa diabólica parecia habitar aquela caverna. Era algo que o assustava e fascinava ao mesmo tempo, embora não conseguisse explicar essa sensação.

Havia apenas uma sugestão forte, um convite irrecusável no cheiro nauseabundo que chegava a suas narinas. Era como se a própria Morte estivesse próxima, exalando seu perfume macabro.

Avançou, então, resolutamente, deixando-se abraçar pela escuridão fria daquelas pedras.

— Deixe-me acender a vela — pediu a velha, soltando-lhe a mão.

Sua voz ecoou lugubremente por corredores sombrios e profundos. A chama de um fósforo espantou um bando de morcegos, que esvoaçou assustado. Uma claridade frágil firmou-se no pavio de cera, iluminando gradativamente as paredes, onde ratazanas enormes se escondiam e aranhas peludas descansavam em suas teias.

— Onde estamos? — indagou Ambrósio.

— Siga-me! — ordenou a mãe, avançando.

Estavam numa estreita sala de pedra agora, de onde saíram diversos túneis. A mulher ergueu a vela. No alto da pedra, acima de uma das passagens, havia uma inscrição rústica, quase coberta pelo limo.

— Dê-me o punhal. Meus olhos já não são os mesmos — pediu.

Ambrósio passou-lhe a arma. Ela tomou-o e estendeu o braço, raspando a pedra.

— Abbadon! — murmurou ela e sua voz com um fervor místico e respeitoso ecoou pelos corredores.

Qualquer coisa se agitou no interior do monte, como se um monstro enorme despertasse de um sono demorado.

— O que quer dizer isso? — quis saber o rapaz.

— A maldade! — respondeu ela, seguindo em frente.

Ambrósio procurou segui-la o mais perto possível. Ela conhecia os segredos daqueles corredores que avançavam para dentro do monte.

Túneis sucessivos surgiam à frente deles, num intrigado labirinto que não confundia a mulher, que se guiava pelas inscrições que se repetiam sobre os túneis por onde penetravam.

Aquela palavra era a chave que abria o segredo das profundezas da terra. Ambrósio a seguia sempre, intrigado e curioso, contendo aquele pavor que fazia gelar sua medula, como se as garras de um ser repulsivo o envolvesse.

Gradativamente aquele cheiro repugnante foi se acentuando, mesclado ao sutil e nauseante aroma do enxofre. O frio da caverna enregelava seus ossos, mas, acima de tudo, podia sentir próxima, muito próxima, uma presença sobrenatural e aterradora.

— Quem é você? — voltou a indagar a loura, erguendo-se aturdida, ouvindo aquela respiração animalesca.

Um hálito bafejou malignamente sobre seu rosto, arrepiando-a. Uma gargalhada sinistra explodiu, enquanto as mãos frias do vampiro pousavam sobre os ombros mornos da garota que estremeceu.

Uma força maior que sua vontade se impunha. Aquela mão como garra massageando suas carnes, comprimindo seus seios, machucando-a, terminando por buscar sua intimidade com selvageria.

O tecido de suas roupas cedia ruidosamente à passagem daquela mão fria e possessiva. O Príncipe das Trevas ofegou, sentindo-se poderoso e perverso, dono da humanidade.

O sangue que corria nas veias daquelas duas em breve o alimentaria, restaurando suas forças, saciando seu apetite macabro.

Adiar aquele momento provocava uma excitação brutal em seus sentidos. A sensação de poder despertou um furor cego e maldoso que aguçou sua lascívia desumana.

Ele desejou manifestar seu poder, espancando, brutalizando, atirando-as de um lado para outro como joguetes em suas mãos.

Gargalhou sadicamente, enquanto suas mãos se fechavam ao redor da garganta da loura, erguendo-a lentamente, deliciando-se no debater daquele corpo e nos ruídos grotescos que escapavam da garganta comprimida.

Jogou-a para o alto e gargalhou mais ainda ao ouvir o gemido que se seguiu ao baque pesado do corpo contra o metal.

— Quem é você? — perguntou a morena, tateando a escuridão à procura da porta.

Drácula avançou para ela, estendendo a mão e agarrando-a pela gola da blusa, dilacerando o tecido e arranhando-lhe as costas.

O cheiro adocicado e tentador de sangue chegou a suas narinas, que se dilataram animalescamente. Seus olhos brilharam na escuridão. Ele tropeçou no corpo da loura, que tentava se erguer.

Apanhou-a pelos ombros e a pôs em pé. Havia medo e loucura naquele corpo. O pavor fazia circular mais rápido o sangue em suas veias. Quando sua garganta fosse dilacerada, o precioso líquido jorraria para os lábios frios e sequiosos do vampiro, inundando-o de prazer e vigor.

A morena soluçava, jogada a um canto do furgão. Drácula envolveu a loura, apertando-a contra o peito, sentindo-lhe o calor e o tremor desesperado.

Sentiu-se mais apetitosa daquela forma. Seu hálito fétido varreu o rosto crispado pelo medo. Suas presas rebrilharam na escuridão, roçando a pele macia e levemente perfumada.

A garota se debateu. Suas mãos esbofetaram o rosto frio do monstro, que gargalhou.

— Idiota! — rugiu batendo-lhe a cabeça, contra a parede metálica.

O cheiro de sangue se tornou mais forte, fazendo estremecer o corpo monstruoso. Um rosnado escapou de sua boca escancarada.

Ele trouxe a garota para junto de si. Seus lábios degenerados deslizaram pelo rosto assustado, espalhando beijos obscenos.

Drácula grunhiu, triunfante, quando sua boca deslizou para o pescoço delicado e seus lábios sentiram o latejar compassado da veia jugular.

Um frêmito fez crispar seu rosto. Seus olhos injetaram-se totalmente e faiscaram como os de um felino contra a luz. As presas pontiagudas rasgaram as carnes mornas e o sangue esguichou para sua boca.

Com sofreguidão, rosnando e apertando convulsivamente o corpo da jovem, como se desejasse espremê-lo de seu vital líquido, Drácula sorveu cada gota.

Gradativamente a vida foi deixando aquele corpo, até que, finalmente ofegando e guinchando, Drácula a soltasse e pisoteasse com desprezo.

Voltou-se para a outra jovem, acuada a um canto, soluçando convulsivamente. Segurou-a em seus braços, depois a apertou contra si.

Num rosnado selvagem, beijou o rosto pálido com sua boca lambuzada de sangue. A garota estremeceu, no paroxismo do terror, à mercê da sanha voluptuosa e assassina daquele ser monstruoso.

As presas fatídicas voltaram a rasgar carnes macias e Drácula sugou avidamente. A garota debateu-se. Um grito desumano escapou de seus lábios, abafado pelas paredes de metal e pelo ruído dos carros lá fora.

O eco do grito lancinante ainda se debatia contra as paredes do quarto, quando a luz foi acesa.

Morgana ficou ali, olhos esbugalhados, a boca ressequida, a respiração ofegante, olhos perdidos em algum ponto da parede, como se houvesse presenciado uma tragédia. Tinha tido um pesadelo.

Febrilmente saltou da cama, atravessou o aposento, abriu a porta e correu para a sala. Tomou o telefone e discou apressadamente. Aguardou com nervosismo que atendessem.

— Mamãe, onde está Viviana? — indagou, incapaz de se libertar daquela sensação angustiante e opressiva que lhe viera num pesadelo.

— É você, Morgana? O que foi? Isso são horas de ligar?

— Mãe, onde está Viviana?

— Está indo ao seu encontro. Saiu hoje de Turim, na companhia de sua amiga.

— Ela está vindo de carro?

— Sim, mas qual o problema, afinal?

Morgana ficou parada, segurando o telefone sem saber como responder.

CAPÍTULO 4

— Abbadon! — gritou a velha, quando a última tocha foi acesa.

Um bando assustado de morcegos esvoaçou. O sangue gelou nas veias de Ambrósio, que fitou atônito a transfiguração que se operava no rosto da mãe.

Recuou, cobrindo os olhos com os braços, protegendo-se dos morcegos que voavam sem tocá-lo.

— Veja, Ambrósio! Veja! — ordenou a mãe, enquanto as aves repulsivas se aquietavam nos túneis escuros e profundos.

Lentamente ele descobriu o rosto, fitando a pedra de um altar rústico. Antigas manchas de sangue se incrustavam por sobre a rocha, lembrando sacrifícios. Ao fundo, toda puída e quase desfeita, havia uma cortina negra. Símbolos cabalísticos ainda podiam ser vistos por todo o manto.

A velha se abaixou diante de Ambrósio e apanhou a bíblia que ele derrubara no momento do espanto. Olhou o filho e sorriu. Depois tomou-lhe a mão e conduziu-o até o altar.

— O que mais deseja agora, filho? Diga-me e seu senhor lhe dará em sinal de boas-vindas. Peça, filho. Você é um sabasius, um eleito. Há muito que aprender — disse, abrindo o estranho volume a esmo.

Seu dedo indicador descreveu um círculo no ar, depois apontou direto para a página logo abaixo, tocando-a.

— Diga-me o que mais deseja, filho?

Ambrósio pensou por instantes. O rosto de Sofia banhado de lágrimas surgiu-lhe à mente. O desejo dela era seu desejo. Encarou a mãe com desafio.

— Eu quero que Vitório Caprilho vá para os quintos do inferno! — disse e sua voz trovejou pelos corredores que partiam da ampla e fria caverna.

Morgana parou diante do espelho e fitou sua própria face, alterada pela preocupação. Jamais se enganará com algo tão sério. Um perigo extremo ameaçara a vida de sua irmã. Estivesse onde estivesse, lançara um apelo a Morgana, sensível e estranhamente, captara no seu sonho.

A garota juntou as duas mãos diante dos olhos. Observou a marca do diabo em seu punho. O mal não ousaria prejudicar Viviana, sua irmã. As forças do sobrenatural eram suas aliadas. Morgana tinha o poder de dominá-las.

O que houvera, então? O que aterrorizara tanto Viviana a ponto de fazê-la vibrar daquela forma?

Fechou os olhos e tentou captar alguma coisa no ar. Lentamente imagens se formaram em sua mente. Imagens de terror, de alucinação. Aquilo não podia estar acontecendo.

Havia uma sombra negra e esvoaçante, com garras impiedosas que retalhavam o corpo quase desnudo de Viviana. Ela implorava, suplicava.

A comoção interior fez Morgana suar frio. Seu corpo estremeceu. O que provocara a ira daquela sombra? Como pudera ameaçar Viviana, se esta estava protegida contra o mal?

Tremores espasmódicos abalaram-na ao ver o corpo da irmã ser atirado contra uma parede e cair desfalecido.

Abriu os olhos e respirou fundo, os olhos esbugalhados, algo nauseante e opressivo atravessado em sua garganta. Ódio brilhou em seu olhar. Quem ousara, afinal, desafiar o poder da filha do demônio?

— Fosse quem fosse, pagaria caro.

— Eu juro! — rosnou a garota, o rosto se transformando numa máscara horrenda e ameaçadora.

Sua mão esquerda ergueu-se lentamente e traçou o sinal da cruz ao peito.

Torg! — berrou Drácula, recuando para a parede que o separava do corcunda.

O veículo guinou para o lado e imobilizou-se. Uma pequena abertura surgiu diante dos olhos injetados do vampiro. Seu servo fiel encarou-o assustado.

— Sim, mestre!

— Venha aqui! — ordenou o monstro, caminhando até a porta e abrindo-a.

O ar frio da noite e o brilho intenso do luar pareceram reanimá-lo e acalmá-lo. Torg se aproximou coxeando e encarou-o sem entender.

— Algo errado, mestre?

— Aquela mulher... A morena... Ela não usa um crucifixo, mas algo pior. Não consegui dominá-la. Vá lá ver! — rosnou o vampiro e sua voz tremia, como se a cólera estivesse ainda adormecendo dentro de si.

Torg fechou parcialmente a porta, depois correu até a cabine e girou o botão. Uma luz se acendeu no interior do furgão. O corcunda retornou apressadamente e entrou.

Viu a garota loura caída a um canto como uma boneca deliciosa de trapos coloridos. Por momentos antegozou o prazer de enterrar seus dedos naquelas carnes ainda mornas e arrancar aquele coração tentador.

Voltou-se para a outra garota, estendida após o ataúde. Aproximou-se, intrigado. O que havia nela que perturbava tanto o vampiro?

Inclinou-se sobre o corpo. Ela respirava, embora debilmente. Sua pele era quente e macia, mas havia marcas arroxeadas e ferimentos cruéis manchando-a.

Olhou o pescoço da vítima de Drácula. Havia a marca das presas fatídicas, mas o sangue não jorrava como seria de se esperar. A garota

continuava rosada, com as veias regurgitando do precioso líquido que saciaria o vampiro.

Procurou um crucifixo ou alguma marca semelhante, mas havia apenas uma corrente de ouro, com um estranho medalhão. Torg julgou reconhecer aquilo.

Tomou-o em suas mãos. Tinha o formato de um pentagrama, com símbolos cabalísticos entalhados artisticamente no metal dourado.

Havia um fecho. Tocou-o e o medalhão se abriu. De seu interior o corcunda retirou um pequeno pedaço de pergaminho, branco como a cor do leite.

Sorriu estranhamente, enquanto o desdobrava.

— Anasisapta! — leu, compreendendo.

Deixou a corrente e o medalhão entre os seios rijos e perturbadores da garota e se ergueu. Sabia que força alguma poderia retirá-lo dali.

Recuou até a porta.

— E então, descobriu o crucifixo?

— Não é um crucifixo, mestre.

O olhar do vampiro demonstrou confusão. Depois ele riu e sua mão direita se estendeu, tomando o pescoço do corcunda e o apertando até que seus olhos quase saltassem das órbitas.

— Não zombe de mim, seu dejetivo da natureza! Sabe muito bem que posso destruí-lo como a qualquer mortal...

O corcunda caiu de joelhos diante do vulto imponente do Conde Drácula. Abaixou os olhos e juntou as duas mãos sobre os sapatos do vampiro.

— Eu jamais faria isso, mestre. A garota tem um talismã poderoso...

— Talismã? Nada resiste ao meu poder, Torg, exceto as coisas sagradas de meu pai das trevas!

— O talismã é sagrado, mestre. Ela é uma protegida de Satã!

— Eu sou o filho predileto de Satã e meu poder é supremo — urrou o vampiro, enquanto seu corpo estremecia e seus olhos chamejavam. — Eu a mordi...

— A maldição não a afetará. Ela está imune pelo poder do inferno.

O vampiro pareceu se acalmar, compreendendo afinal a situação. Seus olhos se aquietaram. O brilho de ódio cedeu lugar ao da curiosidade.

— Por que não pensei nisso antes? Uma aliança com uma filha de Satã! — murmurou, pensativo.

— Essa garota não é a filha de Satã...

— Mas pode me levar a uma delas. Vamos levá-la conosco.

Os olhos do corcunda luziram e a baba escorreu de seus lábios para o queixo. Ele torceu nervosamente as mãos, desejando que seu mestre entendesse seus apetites em relação àquela loura tentadora e morta lá dentro.

— Seria prudente amarrá-la para que não fuja — disse o vampiro, no entanto, entrando no furgão e estendendo-se no ataúde.

Torg entrou e fechou a porta atrás de si. Debruçou-se sobre a loura. Dedos frios seguraram seu pescoço e puxaram-no pra trás raivosamente.

Equilibrou-se assustado, fitando os olhos chamejantes do vampiro.

— Não a toque, imbecil e tola carcaça podre. Ela me será útil.

— Vai deixar que a maldição a reviva?

— Sim, ela será minha serva fiel, assim como você, Torg. Pense nas vantagens que isso me trará, depois faça como ordenei — sentenciou o monstro, voltando a se entender no ataúde luzidio.

Torg ficou ali, parado, sem compreender, o apetite frustrado, um sorriso morto nos lábios obscenos.

Vitório Caprilho estremeceu e o copo de vinho caiu de suas mãos. Ele ficou olhando para a parede, o corpo hirto, o rosto crispado numa expressão

de terror. Seus amigos se ergueram rapidamente, fugindo ao líquido que entornara sobre a mesa.

— Vitória, homem, já bebeu demais! — disse um.

— Sim, já não pode segurar um mísero copo — ajuntou outro.

— Que fraco!

O comerciante, no entanto, continuava imóvel. Sua boca se abria, embora palavras não fossem articuladas. Com um esforço terrível, uma de suas mãos se ergueu e apontou para a parede.

Todos olharam naquela direção, mas nada havia de anormal no Bar do Pepe. Aquela parede sempre estivera ali, com manchas na pintura e rachaduras na madeira velha.

— Vitória, que passa? — indagou um amigo, debruçando-se sobre ele.

— Deve ser o coração — lembrou-se o outro, observando com apreensão aquela expressão terrível no rosto do amigo.

Vitório tentava falar, tentava mostrar-lhe aquele horrível ser junto à parede, de longos chifres e asas pontiagudas como as de um morcego.

Ninguém parecia vê-lo, mas ele estava lá, rindo zombeteiramente e fazendo gestos ofensivos e provocadores, como que o chamando para seu destino.

O comerciante tentou se mover, mas uma força acima de sua vontade paralisara seus movimentos. Aquele ser estranho e horrendo continuava lá, fazendo gestos, exibindo os dentes pontiagudos e a pele coberta de escamas arroxeadas.

Sentiu seu corpo ser agitado. Dedos apressados desabotoavam sua camisa. Um imbecil qualquer abanou uma forma de pizza diante de seu rosto.

O monstro junto à parede gargalhou. Ninguém o ouvia, mas era impossível. Tinham de vê-lo e ouvi-lo.

Tudo sumiu, de repente. Aquela força que o paralisava, o que lhe travava a voz e o que assustava.

— Lá! — berrou, em voz alta, assustando a todos, que olharam na direção apontada.

A velha parede manchada e rachada foi tudo que viram. O corpo de Vitório amoleceu-se e ele tombou, amparado por mãos amigas.

— Vitório, o que se passa, homem de Deus? — indagou um amigo preocupado.

— Não viram? Lá, na parede? — voltou a apontar, assim que readquiriu o controle do corpo.

— O que havia lá?

— Não viram? — insistiu, olhando rosto por rosto.

Todos ficaram sérios, olhando-o com preocupação. Risos zombeteiros esboçavam-se nos lábios deles, mas eram contidos a custo.

— Não me diga que... — ia dizendo um.

— Vitório, você não! — acrescentou outro, começando a rir.

— Macacos ou aranhas? — quis saber outro.

— Elefantes?

— Mussolini?

Em breve formavam um coro que troçava do rosto atônito e embriagado do comerciante, que se ergueu furiosamente e tentou atacar o mais próximo.

Todos se afastaram, rindo divertidamente.

— Acalme-se, Vitório. Isso não é mal, homem. Ainda ontem eu vi um bando de marcianos nas paredes de meu quarto. É o tributo que se paga por gostar tanto de vinho... — comentou um amigo.

— Isso passa.

— Passa nada! É melhor ir se acostumando com essa fauna que povoa nossos sonhos de alcoólatras! — recomendou outro.

— Malditos! Corja de imprestáveis! Bando de cegos! Punhado de abutres gozadores! Eu vi, estava lá, o próprio diabo em pessoa, rindo de mim! Eu juro como o vi...

— Eu também juro como vi os marcianos — riu outro e o bar todo o acompanhou num coro divertido.

Vitório empurrou dois e passou como um furacão, buscando a porta de saída. Antes de ganhar a rua, porém, voltou-se e encarou-os, lançando-lhes um gesto de ofensa e desagrado.

— Malditos! — berrou e saiu para a rua, buscando consolo no ar da noite.

A rua deserta incomodou-o. Desejou encontrar alguém para desabafar a raiva que o invadira.

— Bando de abutres gozadores! — rosnou, cuspiendo para o lado, enquanto avançava cambaleando.

Lembrou-se da figura impressionante que vira. Náuseas assaltaram-no. Ele apoiou-se a um muro, desejando vomitar tudo que engolira.

Algo fez cócegas entre seus dedos. Ele olhou atônito. Vermes pareciam brotar de sua pele, esverdeados e nauseabundos.

Agitou a mão, batendo-a contra a coxa, tentando expulsar aquelas coisas gosmentas e incômodas. Comichões tomaram seu corpo de assalto.

Um odor fétido e desagradável chegou a suas narinas, nauseando-o definitivamente. Ele apoiou-se com as duas mãos ao muro e vomitou um líquido gosmento e avermelhado. Tremores o abalaram. Ele tentou se equilibrar.

Dedos frios e repulsivos, com unhas que feriam sua pele, envolveram seu pescoço e pressionaram-no para baixo. Apesar de forte, Vitório se viu incapaz de lutar contra aquela força descomunal.

Reconheceu o cheiro nauseante. Era enxofre, pior que a substância pútrida que fora expelida em golfadas de sua boca, onde pululavam vermes esbranquiçados.

Lentamente seu corpo foi vergando, enquanto aquela força sobrenatural o empurrava para baixo. Tentou se libertar, mas era inútil.

Caiu de joelhos. Uma gargalhada sinistra enregelou-o. O vento soprou fortemente, agitando seus cabelos e suas roupas, trazendo um cheiro forte de enxofre para suas narinas.

Procurou girar o rosto e observar quem o agredia. Estremeceu. Seus olhos esbugalharam-se ao ver de novo aquele monstro arroxeadado, coberto de escamas, com longos chifres e faces animais, de onde escorria uma baba esbranquiçada e mal-cheirosa.

— Oh, Deus! — lamentou, mas a gargalhada se repetiu, cobrindo seu apelo.

A força daquela garra o fez se dobrar totalmente, o rosto próximo daquela massa gosmenta que fora expelida de seu estômago.

Sem piedade o demônio esfregou o rosto de Vitório Caprilho contra o cimento e o vômito arrancando-lhe a pele, sangrando-o, enquanto se divertia.

Soltou finalmente. O comerciante cruel rolou pela calçada. A comichão em seu corpo acentuou-se. Vermes brotavam de sua pele, que ardia como que em chamas.

CAPÍTULO 5

Os pombos revoavam sobre a cidade com a chegada do sol, ocupando o lugar que fora dos morcegos noturnos. A vida retornava febril e colorida nas ruas de Roma, afastados os temores noturnos.

A despreocupação de uns contrastava com a intensa atividade de outros, empenhados em seus negócios e afazeres. Ao longe, banhado pelo sol, o monte Equillin não deixava perceber o terror que habitava suas entranhas.

Num bairro da periferia da cidade, porém, o temor noturno parecia permanecer nos rostos assustados, cheios de interrogações e suposições.

Uma aglomeração inquieta formara-se diante de uma das casas. Murmúrios corriam como presságios malditos, fazendo fundo a um coro lamentações e lágrimas.

O bairro não adormecera. Atravessara febrilmente a noite, mergulhado no mais puro terror, desde que o cadáver de Vitório Caprilho fora encontrado junto a um muro.

Os motivos de sua morte eram desconhecidos, mas comentava-se que sua maldade o destruía. Outros comentavam um pacto de crueldade com o próprio diabo. Alguns lembravam-no na noite passada, ainda no Bar do Pepe, embriagando-se com os amigos.

Nada, porém, explicava sua morte horrível e misteriosa. O segredo parecia guardado para sempre no ataúde lacrado que se achava sobre a mesa, rodeado de velas.

Apesar das flores espalhadas, um ar putrefato e nauseante se formara cobrindo o local como se o amaldiçoasse com a podridão prematura.

Estavam todos abalados, principalmente os amigos que haviam encontrado o corpo. Ninguém podia explicar nada. Um corpo não podia se

decompor tão depressa. Peste nenhuma, por mais maligna que fosse, atacaria tão rápido e brutalmente.

A verdade, porém, estava à espera no ataúde lacrado. O que fora Vitório Caprilho nada mais era agora que um amontoado de carnes decompostas.

Vermes enormes haviam roído suas entranhas, vazando seus olhos, destruindo sua fisionomia. Se houvera terror no momento da morte, jamais seria descoberto.

Aquelas criaturas alongadas e onduladas haviam feito seu papel macabro. A autópsia não pudera ser realizada. Nada havia intacto a ser analisado.

Parado sob o sol, ainda sob os efeitos da violenta emoção que lhe fora provocada na noite anterior. Ambrósio tentava raciocinar a respeito daquilo.

Seu desejo fora cumprido, mas jamais pudera imaginar quão horrível seria o destino a ser dado ao homem que infernizava sua vida e tiranizava a família.

Aquela marca enegrecida em seu pulso o convencia agora, enchendo-o de temor e confiança ao mesmo tempo. Sofia estava livre, ambos estavam livres.

Não era difícil traçar seu futuro a partir daquele acontecimento. A família não poderia manter os negócios em andamento sem a mão firme de um homem.

Ambrósio seria a solução para Sofia e sua mãe. Nada poderia ser mais adequado a seus planos.

A necessidade de rever a garota de contar-lhe sobre seu libertador, de revelar-lhe sua nova força, de confessar-lhe um amor agora se redimia na morte de Vitório se tornou imperativo.

Avançou lentamente, sentindo-se dono daquela força estranha e poderosa. Não precisava mais baixar a cabeça a quem quer que fosse. O destino entrava em suas mãos agora.

— Ambrósio! — soluçou Sofia, num grito agoniado, lançando-se nos braços dele.

Apertou-a contra si, vibrando uma emoção forte e gratificante. Sonhara com aquele momento inúmeras vezes. Lamentou o tempo perdido e gozou a proximidade adorada daquela mulher.

Consolou-a com palavras ternas, mas, acima de tudo, precisava contar-lhe. Seu olhar pousou sobre o ataúde. Ali dentro estava a última barreira a sua felicidade. Riu e daria gargalhadas se tal atitude não escandalizasse.

— Preciso lhe falar a sós, querida — murmurou ele.

Ela o conduziu por entre as pessoas até seu quarto. Quando a porta se fechou. Ambrósio experimentou uma violenta emoção, fitando as coisas tão íntimas da garota.

Estar ali era como estar dentro dela, compartilhando seus segredos, numa união total e desejada.

Apertou-a contra si, beijou-lhe os cabelos, deixando-se contagiar pelo momento. O calor daquela pele o seduzia irresistivelmente. Queria senti-la, tocá-la, experimentar aqueles contornos, senti-los sob seu domínio.

— Ambrósio! — surpreendeu-se ela, entre ofendida e chocada, afastando-se dele.

— Que importa agora, querida. Ele está morto — disse ele, preso da excitação.

— Ambrósio! — repreendeu-o ela.

— Estamos livres, amor. Ele está morto, graças a Deus morto!

— Não blasfeme assim...

Um riso sinistro o demente surgiu nos lábios dele e seus olhos brilharam estranhamente.

— Posso corrigir, querida. Graças a Satã, graças ao diabo! — sussurrou ele. — Seu pai está morto. Eu o destruí. Eu fiz o que você desejou e...

— O que está dizendo?

— Mas o que importa? Interessa apenas que ele foi morto, que sumiu para os quintos dos infernos e nos deixou livre para nos amarmos. — falou ele, excitado, lançando seus braços ao encontro dela.

Sofia recuou para a porta, olhando-o com surpresa, incapaz de compreender o que ele pretendia dizer.

— Está tentando me dizer que teve alguma coisa a ver com a morte de meu pai? — balbuciou ela.

Um riso triunfante surgiu nos lábios dele.

— Sim, eu causei a destruição dele. Eu fiz aquilo acontecer. Ele deve ter experimentado o terror absoluto, quando...

— Ambrósio! Você praticou aquela monstruosidade? Como? Deus meu, eu...

— Acalme-se — pediu ele, tentando se aproximar.

— Fique longe de mim. Eu vi o corpo dele, foi demoníaco o que...

— É o que estou tentando lhe dizer. Foi o demônio, foi Satã, atendendo ao meu pedido, ao nosso pedido.

— Você deve estar louco, Ambrósio — murmurou ela e o medo se estampou em suas faces lívidas.

— Querida, não fale assim... Não me olhe assim... Eu consegui... Nós estamos livres...

— Não... Afaste-se de mim! Você enlouqueceu!

— Mas foi você quem desejou...

— Ele era meu pai...

— Mas...

— Deus!!!

Viviana tropeçou e se estatelou na escuridão. Suas mãos se apoiaram numa massa viscosa e mal-cheirosa. Qualquer coisa moveu-se entre seus dedos e ela gritou, pondo-se de pé.

Olhou para trás. A luz do fogo a seguia pela escuridão do túnel. Passos desiguais ecoavam mais alto que sua respiração pesada e seus gemidos de dor e medo.

Avançou tateando a escuridão daquela caverna, procurando a luz do dia, tentando encontrar uma saída naquele labirinto. Uma gargalhada soou a seus ouvidos e lágrimas vieram a seus olhos.

Não conseguia compreender o que acontecia. Primeiro, aquele homem monstruoso e feroz, agredindo-a no interior daquele furgão até que desfalecesse. Depois, como uma continuação do pesadelo, via-se numa caverna, envolta pela escuridão. Tentara fugir, mas aquele ser deformado que a perseguia parecia se divertir apenas, brincando com seu pavor.

— Venha a mim, protegida de Satã — disse uma voz zombeteira, ecoando pelas paredes frias.

Viviana não entendeu o que aquilo queria dizer. Pensou na irmã, na afinidade entre as duas, na proteção que Morgana lhe dispensava e rezou para que ela, de alguma forma, a ouvisse.

Depois seguiu em frente, descobrindo uma passagem. Adiante viu luz, mas não era a do dia. Avançou tropegamente, até ver-se numa sala de pedras, iluminada por archotes presos às paredes.

Ao centro, como num altar, havia alguns objetos. Seres humanos poderiam estar por perto, já que havia luz no local.

Correu até o altar. Viu um grosso volume, encadernado curiosamente e um punhal brilhante de lâmina recurva e afiada. Empunhou-o e se escondeu atrás da pedra entalhada.

Torg surgiu tão intrigado quanto ela, olhando o local. Parecia entender aquele cenário, mas estava mais preocupado com a garota agora.

Não a amarra, como Drácula ordenara e, por isso, ela fugira quando a levara para a caverna. Estacou, atento. Ouviu a respiração agoniada. Sorriu sadicamente e atirou a tocha para o lado.

— Venha, protegida de Satã! Não quero lhe fazer mal — disse, caminhando para o centro da sala de pedra.

— Afaste-se de mim, monstro — gritou a garota, pondo-se na defensiva e erguendo o punhal.

Torg estava se divertindo com aquela perseguição. Um pouco de resistência final lhe daria o prazer adequado pelo tempo perdido.

Foi caminhando para ela, preparado para se defender no momento certo.

— Escute, não quero lhe fazer mal. Podemos ser amigos — afirmou tentando ser convincente. — Isso em seu pescoço, onde conseguiu?

Viviana recuou um passo e levou uma das mãos ao pescoço. Morgana lhe dera aquele medalhão, pedindo-lhe que o usasse sempre.

Lembrava-se das recomendações da irmã. O medalhão era um talismã poderoso e a defenderia do mal. Nunca acreditara naquilo, mas era uma bela jóia. Morgana sempre fora muito estranha e não custava nada fazer a vontade.

Pensou, por instante, na ironia dos fatos. Depois, qualquer coisa brilhou em sua mente. Sua amiga estava morta, tateara seu cadáver na caverna escura. Ela estava viva ainda e, talvez, houvesse alguma lógica na proteção do medalhão. Um riso confuso se estampou em sua face, e ela ergueu o medalhão, esperando, com isso, intimidar o homem diante de si.

Torg riu em resposta e balançou a cabeça. O medalhão não o afetaria. Na verdade, não pretendia fazer mal à garota. Queria apenas levá-la de volta e, talvez, tornar-se realmente seu amigo.

— Onde o conseguiu? — voltou a indagar.

— Minha irmã...

— Ela o deu pessoalmente?

— Ela o pôs pessoalmente em meu pescoço! — respondeu a jovem, intrigada com a curiosidade demonstrada pelo corcunda horripilante.

— Escute, podemos ser amigos — disse ele, avançando mais um pouco e estendendo a mão.

O punhal vibrou no ar e gotas de sangue escorreram pela palma da mão do corcunda. A ira brilhou em seus olhos e, por momentos, ele esteve preste a se deixar levar por ela.

Conteve-se, no entanto. Havia uma chance, uma remota chance de se beneficiar da situação.

— Não quero lhe fazer mal, juro — disse abrando a voz.

— O que quer de mim?

— Diga-me onde encontrar sua irmã e eu a libertarei.

— O que quer com minha irmã?

— Ajuda... Mas você não entenderá jamais. Diga-me onde encontrar sua irmã e prometo-lhe não lhe fazer mal algum.

Morgana se movia febrilmente pelo quarto escuro, como que dominada por um instinto selvagem. Traçara símbolos no assoalho e levava uma vasilha para o centro.

Depois apanhou um candelabro estranho, em forma de metade de uma estrela, e o postara numa das pontas do pentagrama traçado com um estranho e mal-cheiroso pó.

Acendeu as velas, que iluminaram suas faces crispadas. Um pombo arrulhou assustado quando ela o retirou da gaiola e o aproximou das chamas.

— Abbadon! — murmurou ela, depois começou a recitar o Pai-Nosso de um modo estranho, ao inverso, numa linguagem incompreensível a um leigo.

Quando terminou, havia aproximado o pássaro das chamas o bastante para que os olhos da ave fossem cegados.

Trouxe-o para cima da vasilha e estendeu uma das mãos para apanhar uma tesoura ainda em sua embalagem lacrada, que rasgou furiosamente com os dentes.

Depois, voltando a repetir as mesmas palavras iniciais, degolou a ave e recolheu seu sangue na vasilha diante de si. A chama do fogo se refletiu como cintilações de um rubi sobre o líquido morno.

Rouquejou qualquer coisa, jogando a cabeça para trás. O corpo degolado da ave foi posto de lado. Palavras intraduzíveis soaram dos lábios de Morgana, antes que ela se debruçasse sobre a vasilha com sangue e a olhasse atentamente.

Juntou as duas mãos ao peito e fechou os olhos por instantes, suspirando aliviada.

— Isso é palhaçada! — explodiu Ambrósio, atirando para o lado a veste negra que a mãe lhe estendera. — Jamais vestirei essa mortalha. Acabou-se a farsa. Tudo foi uma loucura.

A velha abaixou a cabeça e pareceu murmurar alguma coisa. Foi recolher, em seguida, a roupa que o filho atirara para o lado.

— Foi ela, não? — indagou, aproximando-se de Ambrósio.

— Nada lucrei com isso, mãe. Ela me detesta agora, ela me julga um monstro, ela me abomina e...

— Nada é impossível para um sabasius, filho.

— Isso é pura besteira! Eu vi os olhos de Sofia, mãe. Eu vi o repúdio, a aversão total. Como compreender isso? Ela desejava a morte do pai...

Talvez... Me amasse o bastante para não desejar esse crime horrendo em minhas mãos... — conjecturou ele, com um olhar demente.

— Tudo é possível para um sabasius, filho. Você quer o amor daquela mulher? Você o terá...

— Não, não quero mais nada dessa feitiçaria, será que não compreendeu isso?

A velha olhou-o fixamente. Seu rosto enrugado estava sério, ameaçador, preocupado. Ela estendeu a mortalha negra para Ambrósio e pediu.

— Use isto!

— Acabou-se! — afirmou ele, convicto. — Perdi o que mais desejava neste mundo...

— Nada está perdido quando se tem Satã...

— Para o inferno com Satã! — berrou Ambrósio, apanhando a mortalha e jogando-a ao chão e pisoteando-a num acesso de fúria.

Uma gargalhada explodiu na sala, imobilizando-o. Olhou a mãe, sem entender. Ela ria, zombeteiramente, assustadoramente.

— Não pode recuar agora. Já se entregou a Satã, ele já o presenteou com as boas-vindas. Agora terá de servi-lo...

Não chegou a terminar. Uma gosma esverdeada explodiu da boca e das narinas da velha, projetando-se contra o rosto dele, enojando-o.

Ele recuou, tentando se limpar. A velha riu. O vento soprou agitando seus cabelos. Ambrósio olhou ao seu redor. As janelas estavam fechadas. De onde viria aquele cheiro de enxofre? De onde brotava aquele vento insuportável que o empurrava contra a parede e ameaçava esmagá-lo?

CAPÍTULO 6

Seu corpo se contorcia, rolando pelo assoalho até os limites do pentagrama. Seu rosto era uma máscara horrível de pavor demoníaco. Seus cabelos se agitavam loucamente, enquanto suas mãos se lançavam para o alto, dedos recurvos como garras, tentando alcançar o inimigo que via em seu transe demoníaco.

— Cavasti Abbadon! — urrou ela, rangendo os dentes e imobilizando-se, finalmente, para olhar a tigela de sangue.

Tomou-a entre as mãos ainda trêmulas e levou-a até a altura dos seios. Lentamente, então, derramou o sangue do pombo sobre o corpo, fechando os olhos numa expressão de gozo macabro.

Por longo tempo ficou ali, naquela posição, enquanto o transe diabólico se diluía nas trevas do quarto e no oscilar das chamas das velas.

Respirou fundo, finalmente, e ergueu-se. Venceu facilmente os limites do pentagrama e deixou aquele quarto. A claridade da sala ofuscou seus olhos. Ela foi repousar o corpo sobre o sofá macio, cobrindo o rosto.

Tudo fora claro, sua irmã corria perigo, mas sua salvação parecia estar acima das forças de Morgana. Havia um poder maligno superior bloqueando sua visão mística. Não conseguia imaginar o que ou quem estaria causando aquilo.

Ergueu-se num salto, passou diante de um espelho e recompôs os cabelos. As roupas manchadas de sangue chamaram sua atenção. O vermelho vivo a atraiu por instantes e seus olhos brilharam misteriosamente.

Correu para o banheiro, despiu-se e tomou uma ducha rápida. Logo em seguida se vestiu e deixou o apartamento. Tomou um táxi e, algum tempo mais tarde, entrava num enfumaçado barzinho, encravado no subsolo de um velho prédio num bairro mal afamado de Roma.

Imediatamente rostos se voltaram para ela, encarando-o em silêncio. Alguém desligou a máquina da música. Homossexuais, lésbicas, pervertidos da pior espécie e elementos da mais baixa índole demonstraram seu respeito à entrada de Morgana.

Ela fez um gesto apenas e todos pareceram entender.

— Às seis horas místicas — disse ela, girando nos calcanhares e retirando-se do bar.

Imediatamente após sua saída o ruído das conversas e a música retornaram, como se, por instantes, sua presença houvesse feito parar o tempo naquele local de perdição.

Dali tomou outro táxi, indo até um parque de diversões armado numa das mais belas praças do centro da cidade. Caminhou por entre a multidão que aproveitava o sábado para se divertir.

Rumou para as barracas, dispostas num dos cantos da praça, longe da agitação dos brinquedos eletrônicos. Entrou numa delas.

— Eu sabia que você vinha — disse uma megera, olhando fixamente um globo de cristal diante de si.

— eu sei. Preciso de ajuda.

— Conheço seu problema, irmã, mas não posso ajudá-la.

— Quem pode me ajudar/

— O que tem a enfrentar está acima de nossas forças, pode sentir.

— E quem é ele?

— Não sei... Satã também está do lado dele e o fez tão maligno como nós.

— Satã se regozija quando um de seus prediletos demonstra seu poder. Mas você não pode enfrentar esse mal facilmente. Precisa de ajuda... Da ajuda de outro sabasius. Absorvendo-lhe o poder, você será tão forte quanto seu inimigo.

— Acharei outro sabasius.

— Sei que achará, mas... — murmurou a velha, como se lesse algo agourento em sua bola brilhante.

— Eu nada temo. Rezarei a missa negra e tomarei o poder do outro sabasius pelo ritual. O que vê em sua bola?

— Trevas impenetráveis, apenas isso — disse a mulher, mas Morgana percebeu claramente que ela mentia.

Não se amedrontou, no entanto. Conhecia sua missão. Teria de salvar e proteger a irmã a qualquer custo.

Ambrósio se levantou com dificuldade. Em seu olhar, havia espanto e terror. Encarou a mãe, cuja expressão transmitia agora uma profunda serenidade.

— O que... O que aconteceu? — balbuciou ele.

— Uma demonstração de ira de Satã. Você o desafiou, mas ele não puniu. Apenas revelou-lhe sua força. Acredita agora?

— Como duvidar? — argumentou ele, pateticamente.

— Então fique tranqüilo que tudo se arranjará. Você deseja Sofia. Está noite mesmo você a terá nos seus braços. Iremos ao monte para a cerimônia de sua iniciação. Você pedirá Sofia e ela lhe será dada.

— Teremos de voltar ao monte, então?

— sim. Agora, há muito que precisa aprender. Sente-se e ouça, filho — ordenou a mulher.

Na escuridão da caverna. Torg meditava, quanto olhava o corpo adormecido de Viviana, encolhido a um canto. No centro da sala de pedras estava o ataúde negro de Drácula.

O olhar aguçado do corcunda, vencendo a escuridão, fitava aquele talismã no pescoço da jovem adormecida. Reconhecia aquilo um poder superior algo acima das forças do próprio Príncipe das Trevas.

Quem o havia posto no pescoço da jovem, possuía um poder que tentava Torg. Alguém com aquela força poderia lhe dar de imediato um novo corpo, aplacando aquele desejo que o desesperava havia muito.

Livrar-se de sua carcaça deformada e repugnante poderia ser um bom preço pela traição. Ainda assim, relutava. Conhecia a ira do Drácula. Não havia lugar no mundo onde pudesse estar seguro, caso o traísse.

A menos que...

Estremeceu diante da idéia, mas a verdade era aquela. Se havia alguém capaz de destruir Drácula, seria Torg. Protegido pelo poder de uma filha de Satã, não seria difícil realizar aquela missão e sobreviver para gozar seu novo corpo.

Anos de servidão fiel passaram por sua mente. Dedicara-se sempre ao morcego humano, mas o que recebera em troca? Humilhações, ofensas, desprezo.

Ergueu-se, resoluto, e deixou a sala de pedra. Caminhou facilmente pelo labirinto de túneis. Seu instinto animalesco o conduzia para a lua do sol.

Morgana caminhou na direção do casebre, guiada por uma força desconhecida. Sabia que ali encontraria o necessário. O ritual negro mostrara-lhe onde encontrar a ajuda de que precisava.

Seus passos eram apressados. A tarde que caía, anunciando a noite, era cheia de presságios. A escuridão parecia trazer um perigo maior a sua irmã.

Tudo que sabia dela era que estava ameaçada e cercada pelas trevas frias de algum lugar assustador. O mal que a ameaçava era poderoso.

Bateu a porta e aguardou com impaciência.

Quando Ambrósio abriu a porta e a encarou, frêmitos percorreram seus corpos e seus olhos brilharam intensamente, numa revelação.

Morgana sabia o que aquilo significava. Ambrósio pressentia apenas. A garota exibiu a marca negra em seu pulso.

— Preciso de ajuda! — disse ela.

Ambrósio esboçou um sorriso atônito e se voltou para olhar a mãe. A velha fixou-se no pulso de Morgana, entendendo.

— Entre! — disse.

— Tenho pressa. Preciso de ajuda.

— E o que a ameaça? — indagou a mulher.

— Laços de sangue estão ameaçados. Minha irmã...

— Entendo! Sou velha, mas meu filho, um sabasius iniciante, poderá ajudá-la.

— Iniciante? — indagou Morgana, olhando-o.

Aquilo tornava mais fácil seu plano. Todo o poder latente naquele bruxo poderia ser assimilado por ela, conhecedora há muito da magia negra.

Seria como roubar uma criança, mas era necessário. Seu poder místico percebia a confusão interior que habitava Ambrósio.

Ele não estava de todo definido e havia desejos conflitantes dentro dele.

— Vai me ajudar? — indagou a ele.

— Sim, claro.

— E o que posso dar-lhe em troca?

— Nada que eu não possa ter.

— O amor de uma mulher? — arriscou Morgana.

— Talvez sim — sorriu ele.

— Uma virgem?

— Uma adorável virgem — confessou o rapaz, ingenuamente.

Os olhos de Morgana luziram estranhamente e seu sorriso demonstrou satisfação interior.

— Você terá ainda esta noite. Onde recebe suas lições?

Diante da ignorância de Ambrósio, sua mãe se adiantou.

— Ambrósio ainda é iniciante, como já disse. Hoje rezaria sua primeira missa negra.

— Rezaremos juntos, então. Eu o ajudarei a agrupar em torno de si os discípulos necessários. Já escolheu seu local?

— É um velho altar, no monte Equillin — respondeu ele.

— Excelente! Estaremos lá na hora mística. Juntos conseguiremos fazer prevalecer nossa vontade — prometeu ela, retirando-se.

Ambrósio ficou à porta, vendo-a afastar-se. Voltou-se, então, para a mãe.

— Como ela soube de mim?

— Você descobrirá que todos sabemos de nossos irmãos, quando necessitamos deles. Descobrirá, também, que jamais deveremos confiar neles.

— Como assim?

— Satã é um pai generoso, mas cruel. Cerca-se dos poderosos. Seus filhos indecisos e fracos são destruídos. Por isso você tem de ser forte, impiedoso. Seu poder é grande, filho, mas poderá ser maior, mais experiente, se conseguir destruir essa mulher.

Torg estava nas proximidades do prédio. Seu coração se convulsionava de ódio e ressentimento ao perceber os olhares zombeteiros e piedosos que lhe eram lançados.

Nada daquilo aconteceria se possuísse um corpo belo, elegante e atraente. Sua mágoa contra Drácula se agigantava, cegando-o. O vampiro poderia tê-lo recompensado há muito tempo, mas se divertia em torturá-lo, adiando para um tempo indeterminado a realização daquele sonho.

Repentinamente, um táxi parou diante do prédio e uma garota desceu. Torg olhou-a incrédulo. Tudo se confundiu em sua mente por instantes.

— Gêmeas! — exclamou, afinal, compreendendo.

Morgana avançou para a entrada do prédio. Torg atravessou rapidamente a rua.

— Abbadon! — disse ele e a garota se voltou como que tocada por um raio.

Torg se aproximou, maravilhado. Era incrível a semelhança entre as duas irmãs.

— Gêmeas idênticas! — murmurou ele, diante dela.

Os olhos da bruxa brilharam e seu corpo estremeceu. A proximidade daquele corcunda traía o círculo maligno que o envolvia.

Ao mesmo tempo, aquela observação só podia ter um significado.

— Onde está ela? — indagou, chamando a si todo o poder da maldade para ampará-la.

— Bem — respondeu Torg, percebendo que seria fácil dialogar com ela.

Ambas eram gêmeas. Seguramente haviam nascido em condições especiais. A que, estava diante dele nascera depois e trouxera consigo o sinal do diabo. Isso a obrigava a proteger a irmã contra tudo e contra todos. Era uma espécie de anjo da guarda do mal.

— Eu a quero, sã e salva — disse Morgana.

— Você pode tê-la, se... — hesitou ele.

— Se?

— Se me ajudar.

Ela olhou e compreendeu de imediato. Alguém com aquele corpo só desejaria uma coisa de uma filha de Satã.

— Eu posso lhe dar um novo corpo — afirmou ela, pensando em Ambrósio.

O bruxo iniciante viera a calhar perfeitamente em seus planos. Poderia lhe tomar o poder e ainda usar seu corpo para pagar aquela troca.

— Imagino, ainda assim, que não será fácil, não é? — quis saber ela.

— Vi o talismã que pôs no pescoço de sua irmã. Se aquilo revela a dimensão do seu poder, não será tão difícil.

— Contra quem lutarei?

— Nosferato — rouquejou Torg.

Morgana estremeceu. Um vampiro era um ser poderoso, privilegiado na escala demoníaca, preferido de Satã acima de seus outros filhos mais diretos.

Se o vencesse, porém, seu privilégio estaria assegurado e seu poder não teria limites. O corcunda poderia ajudá-la muito mais do que imaginava.

— Onde ele se esconde?

— Nos labirintos do monte Equillin.

— Conveniente — sorriu a discípula do mal — Muito convincente.

Lentamente as trevas venceram a luz e a noite chegou sobre o monte maldito, que via reunir-se em seu ventre as mais estranhas e sórdidas criaturas.

Num ponto profundo de seu labirinto de túneis, um ser monstruoso ergueu-se de sua tumba e aspirou o ar úmido da caverna.

A escuridão total não o incomodava. Seus olhos se dirigiram para um canto, onde um corpo feminino maltratado ressonava suavemente.

— Torg! — chamou Drácula e sua voz ecoou, despertando a garota, que se encolheu, aterrorizada.

Por instantes nada pressentiu. Depois, gradativamente, uma respiração pesada, animalesca, selvagem, soou mais e mais, envolvendo-a num terror desesperado.

Suas mãos se juntaram sobre o medalhão. O corcunda dissera a respeito do poder oculto ali dentro, capaz de livrá-la de todo o mal.

Drácula a fitava. Seu olhar animal brilhou, como chamas do inferno. Sua sede de sangue o espicaçava e a força que se opunha a ele era um desafio.

Caminhou lentamente ao encontro dela. Seu olhar maligno se concentrou nos olhos dela, forçando-a, vencendo-a, ameaçando-a.

— Quem está aí? — indagou Viviana, aterrorizada, tentando fugir à força daquele olhar sanguinolento que vinha em sua direção.

Uma gargalhada soturna se ouviu, aumentando e ecoando pelos túneis ameaçadora e zombeteiramente. Depois silenciou e apenas um ranger trágico de dentes, acompanhando de um rosnado furioso, se fez ouvir.

Drácula lutava contra o poder do talismã.

CAPÍTULO 7

Um urro grotesco e raivoso provou que suas forças eram insuficientes para vencer aquela palavra mística escrita num pergaminho virgem e guardada no interior do medalhão que Viviana segurava fervorosamente.

Como fera enraivecida. Drácula caminhou de um lado para outro. Sua ira crescia, seu poder desafiado o fazia crisar os músculos e chamejar os olhos.

Viviana experimentava momentos de indescritível terror. Pressentia aquela presença feroz rondando-a, mas não podia vê-la ou enfrentá-la. Apegava-se ao medalhão, esperando que cumprisse sua missão.

Instintivamente, porém, foi rastejando pelo chão úmido da caverna, ao longo da parede. Esbarrou numa sacola. Tateou-a. Encontrou fósforos e uma vela. Acendeu-a. A claridade fez o monstro recuar.

As faces do vampiro eram uma máscara de ódio e impotência. Seus olhos destilavam sangue, seus dentes brilhavam, refletindo o fogo da vela.

— Afaste-se de mim, monstro — berrou a garota, fechando os olhos e erguendo o medalhão.

— Tola! Idiota! Mulher inútil! — rugiu o vampiro, apanhando uma pedra e arremessando-a contra a perna de Viviana.

Ela gemeu num sufoco e levou as mãos ao membro ferido. À vista do sangue, um furor demoníaco se apossou de Drácula, que avançava e recuava, as mãos à frente como garras, os dentes rangendo furiosamente, um rosnado surdo brotando de seu peito.

O cheiro adocicado do sangue espalhou-se pela caverna. As narinas do vampiro dilataram-se, ele estremeceu convulsivamente, desejando despedaçar a mulher que ousara desafiá-lo.

Foi então que seu olhar se dirigiu para o corpo da outra garota, morta na noite anterior. Olhou-a demoradamente, depois foi até o cadáver, virando-o.

O Príncipe das Trevas inclinou-se sobre ela, agarrando-a pelos cabelos e a erguendo. Viviana acompanhou aterrorizada a ação do monstro.

O corpo de sua amiga foi posto em pé. Drácula enlaçou-a em seus braços, então, apertando-a contra o peito. Seus lábios finos e frios aproximaram-se daquele rosto, bafejando-o com cheiro da morte.

Depois, num ritual que fez Viviana enlouquecer de pavor. Drácula beijou o cadáver, enquanto o envolvia em sua capa negra.

Por instantes ficou ali, como um negro e enorme morcego, protegendo a presa com suas asas demoníacas. Depois, lentamente se afastou.

— Não! — berrou Viviana, vendo o corpo da amiga em pé.

Uma palidez mórbida lhe cobria o rosto agora. Seus olhos se abriram, brancos, sem expressão, frios como o olhar da morte.

Ela olhava Drácula, como se observasse o poder maligno que lhe destituía a vida. Sorriu. Caninos alongados e pontiagudos se sobressaíram, fazendo de seu sorriso um símbolo da maldade.

Drácula gargalhou satanicamente.

— Vá! — ordenou a sua discípula e ela se voltou para Viviana, que se encolheu por instantes, depois tentou rastejar.

A ferida em sua perna sangrou mais ainda, espicaçando Drácula e sua vampira, que avançava resolutamente para Viviana.

— Não, afaste-se! — suplicou a garota, apertando e erguendo o medalhão.

— É inútil agora — gritou Drácula, concentrando todo o seu poder no cadáver ambulante que cumpria seu desejo.

— Não! — balbuciou Viviana, fracamente, desfalecendo.

A vampira se voltou para o mestre e sorriu, mostrando os dentes ameaçadores. Depois caminhou rapidamente, como um lobo carniceiro, para junto de Viviana, arrebatando-lhe o medalhão e atirando-o para longe.

Depois, resfolegando, debruçou-se sobre a garota, buscando seu pescoço. O palpitar da veia jugular espicçou-a e o desejo de sangue se fez intenso.

— Pare! — ordenou Drácula, quase voando sobre ele e agarrando-a pelos cabelos.

A vampira rugiu, defendendo-se com as unhas em garras agora. Drácula socou-a violentamente na cabeça, jogando-a para longe.

Depois, rosnou e amaldiçoando, debruçou-se sobre o corpo de Viviana, agarrando-o pelos cabelos e a dobrando para trás. Seu olhar se concentrou na veia palpitante. Suas presas avançaram, rasgando profundamente as carnes tenras. O sangue jorrou para seus lábios sequiosos.

Atrás dele, igualmente sedenta, a vampira se arrastou para junto do corpo de Viviana, agarrando-lhe a perna ferida e lambendo prazerosamente o sangue que lhe escorria.

— Abbadon! Cavasti Nosferat! — gritou Morgana, dobrando-se inicialmente, depois se jogando para trás e rolando na umidade da caverna.

Seus discípulos a olharam sem compreender. Torg, a um canto, estremeceu, suspeitando. Ambrósio e sua mãe se entreolharam, pasmados.

Lágrimas de sangue escorreram dos olhos de Morgana, quando ela se levantou dolorosamente. Suas mãos se fechavam com força. As unhas pontiagudas cravavam-se nas palmas, ferindo-as, sangrando-as.

— Nohasti maganif! Cavasti Nosferat! — Voltou a gritar Morgana, esfregando as mãos e lambuzando de sangue seu próprio rosto, transformando-o numa máscara de dor e ódio.

Seu grito de desafio avançara profundamente pelos túneis escuros, ecoando como se o próprio monstro gargalhasse satisfeito com a volta total da maldade a suas entranhas.

Ajoelhada agora, Morgana passou os olhos pelos seus discípulos, surpresos com a atitude de sua mestre. Ela sabia o que houvera. De alguma forma, sua irmã sucumbia ao poder maior do vampiro que a ameaçava.

Isso lhe dava uma mostra do poder que teria de enfrentar, mas não recuaria agora. Satã saberia recompensar a força de sua filha, quando ela vencesse.

Seu olhar se voltou, então, para Ambrósio, parado ao lado do altar pagão. Por momentos pareceu ler sua alma e seus pensamentos. Depois se concentrou profundamente, murmurando velhas orações malditas.

— O que pensa que vai fazer? — indagou a mãe de Ambrósio, reconhecendo-as.

Morgana não a ouviu. A velha avançou, postando-se diante da bruxa mais jovem e encarando-a.

— Eu sei, Morgana! Eu sei! — disse, num rugir furioso.

— Cale-se, velha bruxa, e ceda à força dos argumentos. Não planejei nada para você. Eu a respeito pelo seu papel. Leonardo a tem em sua glória, mas não me desfie.

— Eu defendo o que é meu! — rosnou a velha.

— Mas, o que está havendo? — indagou Ambrósio, incapaz de compreender aquele diálogo ameaçador.

— Ela quer seu poder, filho! Mas só o terá passando sobre meu cadáver!

— Não me desafie, velha bruxa — rosnou Morgana, pondo-se em pé.

Seu rosto transfigurado revelava decisão e dor. Não planejava destruir a mulher diante de si, mas o faria, se preciso fosse.

Seu poder seria fortalecido um pouco mais, mas Satã jamais apreciava a destruição de uma velha servidora.

A velha, no entanto, ergueu as mãos e estremeceu convulsivamente. Seus olhos brilharam satanicamente. Morgana cambaleou alguns passos, depois seu corpo enrijeceu-se.

O olhar da velha demonstrou surpresa. Talvez esperasse provocar a destruição de Morgana, mas esta se revelara forte demais.

A confirmação de sua suspeita veio em seguida. Os olhos de Morgana se arregalaram, como se círculos de fogo concêntricos brotassem deles.

O corpo da velha foi jogado violentamente para trás. Pedras soltas espalhadas pelo chão da caverna voaram em sua direção, atingindo-a, dilacerando sua pele enrugada.

— Pare! — ordenou Ambrósio, num grito, apontando sua mão para Morgana.

Uma convulsão violeta dobrou o corpo da jovem. Seu rosto demonstrou estupor. Sua língua se enrolou dentro da boca, ameaçando sufocá-la.

Ambrósio talvez não dominasse muito bem seu poder, mas acabara de dar uma demonstração de sua força. Enquanto corria para junto da mãe, Morgana rosnava, tentando arrancar a língua de sua própria garganta.

Ao redor, olhando-a pateticamente, os discípulos da bruxa reconheciam sua impotência para ousarem se intrometer naquela disputa poderosa.

— Não! — gritou Ambrósio, ao remover as pedras que cobriam o corpo da mãe.

Espinhas brotavam das feridas em sangue, um sapo estufou as bochechas da mulher, que regurgitou e o lançou para fora. O negro animal, de olhos esbugalhados, fitou Ambrósio como se zombasse dele.

O rapaz apanhou uma pedra e bateu sobre ele. Uma fumaça nauseabunda se elevou e, no momento seguinte, o horrível animal sumira.

A velha regurgitou novamente e expeliu sangue pela boca e pelas narinas. Seus olhos encararam o filho com piedade, depois se voltaram para dentro, brancos e sem vida.

— Maldita! — berrou ele, abraçando-a, manchando-se em seu sangue.

Largou-a e se voltou para Morgana, que respirava ofegante e cruzava as duas mãos diante do peito, num gesto de defesa. Talvez não suportasse a ira de Ambrósio. Um filho de Satã enfurecido era indomável.

Confiava, no entanto, na estratégica de seus planos. Cedo ou tarde teria nas mãos como dominá-lo.

E então, como que atendendo suas preces macabras, seus discípulos se afastaram e um vulto feminino e delicado, trajando uma camisola transparente que realçava suas formas, avançou.

Ambrósio olhou atônito. Era Sofia. Tentou correr para ela, mas, a um gesto de Morgana, um círculo de fogo a cercou, barrando a passagem dele.

O rapaz se voltou para ela. Seus olhares se cruzaram, em desafios, medindo forças. Morgana riu, quando Ambrósio cedeu. A vida de Sofia lhe era mais importante. Imobilizou-se. Morgana repetiu o gesto e o círculo de fogo desapareceu. Sofia caminhou pra ela.

Morgana a recebeu em seus braços, apertando-a contra si. Depois, beijou-a nos lábios com lascívia, para horror e desespero de Ambrósio, que ameaçou avançar.

A bruxa repetiu o gesto anterior e o círculo de fogo enlaçou Ambrósio, prendendo-o. Ele se debateu, mas aquelas chamas invocadas das profundezas do inferno formavam uma barreira intransponível.

— Alegremos-nos, irmãos! — disse Morgana. — Já temos a virgem para o nosso sabá.

Seus discípulos urraram de gozo e se uniram, de mãos dadas, num círculo ao redor da bruxa. A um canto, fascinado, Torg observava tudo atentamente. Muita coisa acontecera ali, rapidamente, prendendo sua atenção. Esquecerá-se que a noite chegara e que Drácula se levantaria do ataúde e procuraria por ele. Sua preocupação era o corpo prometido. Pelo que via, logo sua alma habitaria Ambrósio. Olhou-o com interesse. Era um belo jovem, vigoroso, másculo, atraente. Com a fortuna de Drácula em suas mãos, não seria difícil recuperar em pouco tempo os anos todos aprisionados naquela carcaça podre e repugnante.

Saciado, Drácula se afastou do cadáver de Viviana, enquanto sua discípula avançava, tentando colher as últimas gotas que escorriam da garganta da outra. O vampiro da noite limpou a boca lambuzada de sangue. A mulher loura se levantou, então, aproximando-se dele e postando-se respeitosamente de joelhos.

Um brilho de maldade tornava seus olhos esbranquiçados assustadores. De sua boca lambuzada de sangue escorregava uma gosma avermelhada, que ela colhia com a língua, lambendo-se como um animalzinho esfomeado.

Drácula afagou os cabelos de sua seguidora. Não sabia ainda que destino daria a ela. Poderia lhe servir, atraindo novas vítimas. Sem a perseguição implacável de um homem como o Prof. Hilgenstiller, o vampiro poderia descansar em paz, escolhendo um local propício, formando uma legião de vampiros que o serviria fielmente.

Aquela loura afável poderia ser a primeira delas. Mas onde estaria Torg? Ergueu, então, a cabeça. Seu ouvido aguçado de morcego humano parecia captar sons tétricos que percorriam aqueles túneis infundáveis. Seria o vento soprando uma alegre melodia? Sorriu saciado e forte. O ódio em seu coração, porém, não havia se aplacado.

Seu olhar maligno se voltou para o corpo exangue de Viviana, caído grotescamente junto à parede de pedra. Que força misteriosa estivera por trás dela? Procurou, então, pelo medalhão. Estava aberto e o pedaço de pergaminho saltara fora. Era inofensivo, agora que fora vencido. Tomou-o nas mãos e o desembrulhou. Leu a palavra mística que, após um ritual, ganhava a força de proteger quem a portasse de todo o mal.

Riu, então, satisfeito por perceber que seu poder ainda era maior sobre a face da terra. Depois, intrigado, voltou a examinar o pergaminho.

— Seguidores de Satã! — murmurou e sua voz ecoou lugubrememente.

— Como disse, mestre? — indagou a mulher, rastejando servilmente até seus pés.

— Isto — disse ele, mostrando o medalhão e o pergaminho.

— Morgana o deu a sua irmã. Sempre suspeitei que fosse uma adoradora do diabo — disse a loura.

— Sabe onde achá-la?

— Sim, ela mora...

— Silêncio! — ordenou Drácula, aguçando os ouvidos.

Pelos corredores sombrios, morcegos esvoaçavam assustados, como se algo os houvesse expulsado de seus ninhos.

— Eu ouço! — murmurou o vampiro, quando um frêmito percorreu seu corpo.

A presença do mal, assim como a daquele medalhão momentos antes, parecia habitar aquelas cavernas. Em algum ponto, tinha sua origem. Isso intrigou Drácula, da mesma forma como o intrigava não encontrar Torg ali. A noite chegara e o corcunda sempre estivera presente nesses momentos.

A menos que algo muito mais importante surgisse, mas nada havia para Torg acima de Drácula. A não ser seu desejo tolo por um novo corpo. Um pressentimento demoníaco passou pela mente perversa do Príncipe das

Trevas. Voltou-se e olhou o corpo de Viviana. A idéia era absurda. Torg jamais ousaria desafiá-lo.

— Fique e proteja meus domínios — ordenou à loura.

— Mestre, sou Conciliata!

— Não, seu nome, agora, será Daura — disse ele, depois foi caminhando na direção de um dos túneis que partiam daquela sala.

A fosforescência maligna o envolveu-o, alterando sua forma para a de um enorme e asqueroso morcego, que agitou suas asas pontiagudas e desapareceu nas trevas, buscando a direção daqueles sons lúgubres e arrastados.

CAPÍTULO 8

De costas para o altar profano, os discípulos do mal entoavam cânticos fúnebres, enquanto Morgana despia Sofia e a submetia a sua vontade, obrigando-a a se postar diante do altar, apoiada nas mãos e nos joelhos, numa grotesca posição. Sobre as costas nuas da garota, Morgana depositou um cálice de haste retorcido, encimado por metade de um crânio humano. Velas negras, sobre a pedra, iluminavam agora o ambiente. As tochas haviam sido apagadas. Um cheiro de enxofre parecia vir das entranhas da terra.

— Leonardo! — murmurou Morgana.

— Leonardo! Leonardo! Leonardo! — repetiram os outros, numa cadência pesada e inquietante.

O pesado volume foi depositado sobre as costas de Sofia, ao lado daquele cálice. Morgana abriu uma página ao acaso e recitou:

— Lúcifer!

— Abbadon! — repetiu o coro.

— Bal! Rosierth! Eu vos conjuro!

O coro repetiu suas palavras, abalando as paredes da caverna, fazendo bruxulear as chamas das velas negras. Tomando o punhal místico, Morgana traçou um círculo no ar, na direção de Torg, que estremeceu, sentindo-se abalar por uma força estranha.

A bruxa se voltou para Ambrósio, caído no chão frio da caverna, impotente diante de um poder maior que o seu. Seus músculos se crisparam e ele tentou erguer o rosto. Os olhos da bruxa cintilaram. Ambrósio cedeu novamente, tombando para o chão. O coro silenciou. Morgana ofegava, fitando o copo nu de Sofia. Depois encarou Torg, que olhava fascinado o corpo virgem de Sofia, sonhando momentos em que gozaria prazeres há muito sepultados dentro de si.

Percebeu, porém que Morgana estava abalada. Não conseguia entender o motivo, mas aquilo poderia ser perigoso para ela. Ambrósio era um bruxo poderoso. Deitado como estava, em contato com a terra, seu corpo poderia estar absorvendo novas forças. Seguramente ele as teria num local como o monte Equillin. Desejou interferir, pedindo que Morgana apressasse o ritual e terminasse logo com tudo.

Um pavor intenso e indescritível tomou conta dele, quando o morcego enorme penetrou na caverna, fazendo tremer as chamas das velas negras. Morgana se pôs em guarda, as unhas prontas para atacar, rangendo os dentes e se descabelando em movimentos frenéticos. O morcego parecia brincar com ela, girando ao seu redor, entontecendo-a.

Ambrósio se ergueu, então, livre do domínio da outra. Olhou Sofia, naquela grotesca posição e seu ódio se agigantou. Ele correu para junto dela e a puxou para si, derrubando os objetos que ela equilibrava a suas costas.

— Pare! — ordenou Morgana, voltando-se para ele. — Profanou a cerimônia.

Uma gargalhada satânica explodiu na caverna, enregelando o sangue dos discípulos do mal.

A figura de Drácula se metamorfoseou diante deles. O monstro os encarou um por um. Quando seu olhar fitou o de Morgana, ela estremeceu, mas se manteve incrivelmente calma.

Pareceu reconhecer a figura sinistra que vira em suas visões, ameaçando sua irmã. Olhou Torg, que se encolhera aterrorizado. Tudo estava claro, portanto.

— Beberei teu sangue, filha do demônio! — prometeu Drácula, embora se postasse na defensiva.

Conhecia o poder daquela bruxa. Vencê-la era difícil, mas não impossível.

Morgana ofegou. Falhara em sua missão de proteger a irmã por culpa daquele nosferato. Sabia, no entanto, como atacá-lo. Não que estivesse pronta. Mais alguns instantes e somaria seu poder ao de Ambrósio.

— Espalharei suas cinzas pelas encostas flageladas deste monte, vampiro.

Drácula gargalhou, tentando abalar a confiança da bruxa. Morgana se moveu com rapidez, traçando dois círculos no ar. Depois fechou os olhos, enquanto uma cruz de fogo ardia no centro da caverna.

Drácula urrou, blasfemando e cobrindo os olhos com os braços. Recuou para a parede, mas a cruz o perseguia. Todos olharam atônitos a grande cena.

Retorcendo-se e urrando, o vampiro se encolhia, querendo fundir seu corpo à pedra, enquanto o fogo mais e mais se aproximava, ameaçando reduzi-lo a cinzas.

— Torg! Ajude-me! — berrou ao seu servo.

— Ele jamais o ajudará! — respondeu Morgana. — É meu discípulo agora. Terá um novo corpo, algo que deseja acima de tudo agora, maldito. Eu o atenderei e o farei espalhar suas cinzas pelo monte!

— Maldito seja, filho do demônio! A vingança do Drácula permanecerá eternamente sobre sua cabeça, Torg. Ajude-me ou lamentará para o resto da eternidade!

Morgana gargalhou, concentrando-se naqueles traços de fogo que avançavam para o Vampiro da Noite.

Ambrósio, porém, recuperava-se em definitivo. Vendo Morgana concentrada e de olhos fechados, concentrou-se no punhal que jazia caído ao lado da bíblia de Satã.

Como que movido por mãos por mãos invisíveis, a arma se aprumou e se lançou no espaço. Morgana abriu os olhos no último momento e gritou de dor ao sentir a fígada que espargiu seu sangue.

Contorceu-se e se dobrou, agarrando o cabo do punhal e o puxando. Com horror, percebeu na ponta recurva, o globo sangrento de um de seus olhos.

Imediatamente a cruz de fogo se desfez. Drácula se encolheu e seu corpo luziu, como que irradiando luz. No momento seguinte, em vô rasante, o morcego negro sumiu por um dos túneis.

— Maldito! Filho de uma megera! — urrou Morgana, transfigurando-se. — agarrem-no. — ordenou a seus discípulos, que caíram imediatamente sobre Ambrósio, subjugando-o.

Com as mãos atadas, ele foi jogado de joelhos diante do altar pagão. Morgana o olhou com seu único olho agora. Da órbita vazia pendia uma confusão de vasos e nervos. Ela arrancou uma tira de sua veste e improvisou uma atadura, cobrindo-o.

Com seus poderes, não seria difícil reconstruir seu rosto. Agora precisava concentrar toda a sua energia na vingança que absorveria o poder daquele bruxo.

Para tanto, teria de fazê-lo implorar e abjurar Satanás. Isso não seria difícil, considerando a presença de Sofia.

A bruxa tinha pressa agora. Precisava estar preparada para a volta do morcego humano. A um gesto seu, seu bando de degenerados caiu sobre o corpo virginal de Sofia. Lésbicas e maníacos sexuais deram vazão a seus instintos, sob o olhar desesperado de Ambrósio.

A um canto, Torg tremia. A voz trovejante de Drácula, jurando maldição e vingança, ainda ecoava em seus ouvidos. Talvez Morgana pudesse superá-lo, mas Drácula não seria tolo de enfrentá-la num encontro direto.

— Ambrósio, meu adorado! Ajude-me! — suplicou Sofia, enojada pelas mãos e lábios pegajosos que avançavam sobre seu corpo, devassando-o inteiramente.

— Pare! Pare! — gritou o rapaz, rastejando para os pés de Morgana, que o olhou em triunfo.

— Abjure Satanás! — ordenou.

— Eu o abjuro. Eu esconjuro as forças do mal, eu esconjuro a minha maldição. Eu não quero ser filho de Leonardo — gritou ele, preso do horror e do desespero.

A bruxa gargalhou, enquanto os gritos de pavor de Sofia silenciavam e apenas o som cadenciado de sua respiração se ouvia, enquanto um homem nu a cavalgava, deflorando-a e a sangrando impietosamente. Morgana apanhou o punhal, que ainda trazia em sua ponta o globo ocular. Limpou-nos cabelos de Ambrósio, depois traçou uma série de símbolos no ar.

O corpo dele se contorceu. Seus olhos se arregalaram. Sua boca espumou raivosamente. Num espasmo maior, quedou-se imóvel, enquanto Morgana fechava os braços ao redor do próprio corpo, como se recebesse com prazer algo etéreo que se elevava do vencido. Ela suspirou deliciada, depois abriu os braços e encarou Torg.

— Você quer esse corpo? — indagou, apontando o cadáver imóvel de Ambrósio.

— Sim... — respondeu o corcunda, tremendamente.

— Você o terá! Aproxime-se!

Mal havia dado um passo, Torg estacou, percebendo a entrada na caverna da garota loura que Drácula havia atacado na noite anterior.

A bruxa também a viu e se pôs na defensiva. Com sua atenção atraída para a figura ameaçadora que caminhava lentamente em sua direção, não percebeu a entrada de uma enorme ratazana, que foi se alojar entre as pedras do altar profano.

— O que quer? Quem é você? — indagou Morgana, os braços se alongando diante do corpo.

— Daura! — respondeu a jovem, num tom inexpressivo.

— O que quer?

— Eu não quero. Eu faço — respondeu a vampira.

— Afaste-se ou a destruirei! Afugentei seu mestre e poso afugentá-la também.

Daura não a ouvia. Continuou se aproximando. Morgana fez um gesto e o punhal macabro avançou no ar, cravando-se no peito da outra, que riu, arrancou-o e o quebrou como se fosse um graveto, jogando seus pedaços ao chão.

Morgana traçou a cruz no ar e o fogo iluminou os olhos esbranquiçados de Daura, que recuou, cobrindo-os. Por instantes hesitou, depois se firmou e caminhou resolutamente ao encontro das chamas, que envolveram seu corpo imediatamente. Um grito de puro pavor escapou de sua garganta em chamas, mas ela continuou em frente, movida pelo instinto de servidão que a ligava a seu mestre.

Morgana estremeceu diante da tocha humana que se retorcia horrivelmente, mas continuava avançando. Fez um gesto e pedras voaram para cima de Daura, arrancando pedaços em chamas de seu corpo.

— Afaste-se! — ordenou e um vento sibilante soprou contra as chamas, apagado-as, mas sem evitar que, num esforço sobrenatural, o cadáver ambulante e deformado de Daura se jogasse contra ela, enlaçando-a num abraço mortal.

Os discípulos da filha de Satã recuaram, horrorizados. Presa naqueles braços possessos, a bruxa se debatia, pedindo ajuda, mas imobilizada, afinal. Náusea e horror abalaram seu corpo. A ratazana se esgueirou das pedras do altar e avançou para ela. A bruxa tentou se livrar, mas, rápidos e cruéis, os dentes afiados do animal se cravaram em seu único olho, vazando-o. No momento seguinte, para horror e espanto de Torg, a sinistra e ameaçadora figura de Drácula surgiu do corpo do rato.

Chamas repentinas voltaram a brotar do corpo de Daura. Morgana rastejou, libertando-se, as vestes em fogo, o olhar tresloucado. Numa corrida cega, chocou-se contra as rochas, tropeçando no cadáver de Sofia, blasfemando e urrando desesperadamente.

A ira de Drácula explodiu, então, em toda a sua violência e crueldade, jogando-se sobre Morgana e cravando suas presas fatídicas no pescoço da bruxa. O sangue jorrou e Drácula o sorveu avidamente, enquanto golpeava impiedosamente o corpo dela, moendo-o com sua força descomunal.

Um odor de carnes em fogo dominava a caverna. Os discípulos da bruxa perceberam a ameaça, afinal, e se dispersaram numa corrida suicida pelos túneis sombrios.

Drácula se ergueu. Gritos de dor e desespero vinham dos túneis. O morcego humano gargalhou. Um farrapo de mulher que um dia fora Morgana jazia no chão frio da caverna. Ratazanas se grudavam em seu corpo, arrancando pedaços sangrentos.

Morcegos esvoaçavam ao redor de seu pescoço, cravando suas presas em busca da veia principal, já rompida, sugando o que lhe restava de sangue. Nos corredores, gritos desesperados cessaram, dando a entender que os outros haviam tido o mesmo trágico destino. O Príncipe das Trevas se voltou, então, para Torg.

Seu olhar destilava cólera e prometia vingança. Sua crueldade, porém, sabia como puni-lo. Viu o medo estampado nas faces do corcunda. Riu satanicamente, como se quisesse torturá-lo com a mais angustiante espera. Voltou-lhe as costas e caminhou até as cinzas do que fora o corpo de Daura. Olhou-o demoradamente. De alguma forma, estava sensibilizado. Não fosse aquela mulher, teria amargado uma vergonhosa e definitiva derrota. Duas lágrimas de sangue formaram-se nos cantos avermelhados de seus olhos. Arquejou num lamento final.

— Torg! — chamou e a ameaça contida em sua voz apavorou o corcunda.

— Perdão, mestre! — suplicou ele, lançando-se nos pés do Príncipe das Trevas, o preferido agora de Satã.

— Maldito aleijão da natureza! — rosnou o vampiro.

— Eu estava louco, mestre! Puna-me, mas não me destrua!

O vampiro sorriu macabramente e olhou o corpo imóvel de Ambrósio. Afastou Torg com um pé e caminhou até o cadáver. Abriu os braços e, misteriosa e macabramente, o corpo do bruxo se ergueu, sem expressão, sem vida. Torg acompanhou com um fio de esperança a ação de seu mestre. Drácula se voltou para ele, então.

— Você queria este corpo, Torg?

— Sim, mestre.

— Não o acho bom para você, meu fiel servo! — disse o monstro, caminhando ao redor do corpo imóvel.

Viu, então, caído perto dali, um dos pedaços do punhal. Apanhou-o e se voltou para o corcunda.

— Não gosto desse nariz — disse, golpeando ferozmente o cadáver imóvel.

Sangue coagulado minou do corpo mutilado e Torg cobriu os olhos com as mãos, percebendo o que Drácula pretendia.

— Essas orelhas, meu bom Torg — continuou o vampiro.

De olhos cobertos, o infeliz corcunda acompanhou o silvo da lâmina e ouviu nitidamente os tecidos sendo decepados. Estremeceu. Lágrimas de dor e ódio saltaram de seus olhos, mas ele sabia que era inútil.

— Finalmente, Torg, esse pescoço não me agrada em definitivo — berrou o vampiro, golpeando profundamente.

Torg encolheu-se quando algo úmido rolou para junto de si. Depois ouviu o baque de um cadáver inútil caindo. Ficou ali, enquanto uma

gargalhada satânica se ouvia entre suas pernas. Abriu os olhos. A cabeça de Ambrósio zombava dele, gargalhando escarnecedoramente.

FIM DO LIVRO NOVE

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasodomagodasletras.net